



# BMEP

---

Boletim Mensal de Economia Portuguesa

N.º 05 | maio 2011



**Gabinete de Estratégia e Estudos**

Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento

**GPEAR I**

**Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação,  
e Relações Internacionais**

Ministério das Finanças e da Administração Pública

## Ficha Técnica

---

**Título:** Boletim Mensal de Economia Portuguesa

**Data:** maio de 2011

Elaborado com informação disponível até ao dia 20 de maio.

### Editores

#### **Gabinete de Estratégia e Estudos**

Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento

Avenida da República, 79

1050-243 Lisboa

Telefone: +351 21 7998158

Fax: +351 21 7998154

URL: <http://www.gee.min-economia.pt>

E-Mail: [gee@gee.min-economia.pt](mailto:gee@gee.min-economia.pt)

#### **Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais**

Ministério das Finanças e da Administração Pública

Av. Infante D. Henrique n.º. 1 – 1.º.

1100 – 278 Lisboa

Telefone: +351 21 8823396

Fax: +351 21 8823399

URL: <http://www.gpeari.min-financas.pt>

E-Mail: [bmep@gpeari.min-financas.pt](mailto:bmep@gpeari.min-financas.pt)

**ISSN: 1646-9062**

(Texto escrito ao abrigo do novo acordo ortográfico)

## Índice

<hr/>	
<b>Conjuntura</b>	<b>5</b>
Sumário	7
1. Enquadramento Internacional	11
2. Conjuntura Nacional	15
3. Comércio Internacional	26
<hr/>	
<b>Destaques</b>	<b>33</b>
Previsões de Primavera de 2011 da CE, FMI e OCDE	35
<hr/>	
<b>Iniciativas e Medidas Legislativas</b>	<b>41</b>
<hr/>	
<b>Abreviaturas Utilizadas</b>	<b>47</b>



**Conjuntura**



## Sumário

### Enquadramento Internacional

- \* No primeiro trimestre de 2011 a produção industrial mundial abrandou devido à desaceleração das economias avançadas, por outro lado, a atividade industrial das economias emergentes, registou uma ligeira melhoria, especialmente significativa para a Ásia. Paralelamente, as trocas comerciais mundiais também desaceleraram, tendo sido mais acentuado para as economias avançadas. A incerteza quanto à perspectiva de crescimento da economia mundial permanece elevada devido ao ressurgimento de algumas tensões nos mercados financeiros relacionadas com o risco de dívida soberana em alguns países periféricos da área do euro e à continuação da instabilidade político-social de alguns países da região do Médio Oriente e do Norte de África que favorecem a pressão alista dos preços das matérias-primas.
- \* Nos EUA, o PIB registou um aumento de 2,3% em termos homólogos reais no 1.º trimestre de 2011 (2,8% no 4.º trimestre de 2010), em resultado do abrandamento do investimento privado não residencial e das exportações. Pelo contrário, assistiu-se a um reforço do consumo privado e a uma melhoria do investimento privado residencial, embora este último permanecendo negativo. Em abril de 2011, tanto a produção industrial como os indicadores de confiança dos empresários registaram uma desaceleração; embora as vendas a retalho tenham mantido um forte crescimento. Nesse mês, a taxa de desemprego subiu para 9% e a taxa de inflação homóloga aumentou para 3,2% (2,7% em março).
- \* No 1.º trimestre de 2011, tanto o PIB da União Europeia (UE) como da área do euro (AE) aumentou 2,5% em termos homólogos reais (2,2% e 2%, respetivamente no 4.º trimestre de 2010). Neste período, assistiu-se a um abrandamento da produção industrial, das vendas a retalho e das exportações, embora estas últimas tivessem apresentado um crescimento robusto, em torno de 21% em termos homólogos nominais. Em abril de 2011, o indicador de sentimento económico diminuiu tanto na UE como na AE, interrompendo a tendência de subida registada nos 2 meses precedentes. Em março de 2011, a taxa de desemprego estabilizou tanto na AE como na UE, mantendo-se em 9,9% e em 9,5%, respetivamente. Em abril de 2011, a taxa de inflação homóloga da AE, subiu para 2,8% (2,7% em março) devido à aceleração do preço dos serviços.
- \* Em maio e, até ao dia 20, as taxas de juro a 3 meses prosseguiram o movimento ascendente na área do euro e diminuíram nos EUA. Em abril, as taxas de juro de longo prazo aumentaram tanto nos EUA como na AE, refletindo, em particular no caso da área do euro, riscos acrescidos com a dívida soberana em alguns países periféricos.
- \* O preço *spot* do petróleo *Brent* atenuou a forte subida verificada no mês de abril, tendo a média do preço do Brent, até ao dia 20 do mês de maio, registado o valor de 115 USD/bbl (80€/bbl).

### Conjuntura Nacional

- \* O indicador de clima económico do INE para Portugal apresentou uma diminuição em abril, mantendo assim a tendência de queda iniciada em Outubro de 2010, com um contributo negativo de todas as componentes.
- \* De acordo com a estimativa rápida do INE, o PIB registou uma contração de 0,7% em volume, que se traduziu, também, numa quebra de 0,7 p.p. em relação ao último trimestre de 2010.
- \* Em março, o indicador de atividade económica do INE registou uma ligeira quebra. Também, o indicador do consumo privado apresentou uma considerável redução, fruto do contributo negativo do consumo de bens duradouros, e o indicador da FBCF acentuou a sua contração.

- \* A taxa de variação homóloga do Índice de Preços no Consumidor (IPC) em abril foi de 4,1%, 0,1 p.p. superior à registada no mês anterior, elevando a variação média dos últimos 12 meses do IPC para os 2,5%, 0,2 p.p. acima do valor verificado no final de março.
- \* A taxa de desemprego no 1.º trimestre de 2011 atingiu os 12,4%, um aumento de 1,3 p.p. face ao trimestre anterior. Este valor decorre, contudo, de uma alteração metodológica por parte do INE nos inquéritos trimestrais ao emprego, estimando o INE que com a metodologia anterior a taxa de desemprego apurada seria de 11,4%.
- \* Até abril, o défice orçamental provisório da Administração Central foi de 1548,2 milhões de euros, representando uma melhoria de cerca de 2279,7 milhões de euros face ao mesmo período de 2010. O valor provisório para o défice global do Estado, na ótica da contabilidade pública, foi de 2539,1 milhões de euros, traduzindo uma melhoria de 2098,5 milhões de euros face ao período homólogo. Os Serviços e Fundos Autónomos (SFA) registaram um excedente na execução orçamental de 991,0 milhões de euros, mais 181,2 milhões de euros quando comparado com o mesmo período de 2010. O excedente da execução orçamental da Segurança Social, na ótica da contabilidade pública, foi de 726,4 milhões de euros, 250,3 milhões de euros acima do registado no mesmo período de 2010.
- \* Nos primeiros quatro meses do ano, a execução financeira consolidada provisória do Serviço Nacional de Saúde (SNS) foi de -13,5 milhões de euros, que compara com um défice de 157,2 milhões de euros no período homólogo.
- \* No 1.º trimestre, a Administração Local, considerando o universo comparável, os dados preliminares da execução orçamental apontam para um *superavite* de 21,9 milhões de euros, refletindo uma melhoria de 32,3 milhões de euros relativamente ao mesmo período de 2010. A Administração Regional apresentou um excedente orçamental de 11,6 milhões de euros, isto é uma melhoria de 36 milhões de euros face ao período homólogo.

## Comércio Internacional

- \* De acordo com os **resultados preliminares das estatísticas do comércio internacional** divulgados para o mês de março<sup>1</sup>, as exportações de mercadorias registaram uma variação homóloga positiva de 17% no primeiro trimestre de 2011 face a igual período em 2010. As importações de mercadorias cresceram a uma taxa inferior (8,5%). Este comportamento justificou uma recuperação do saldo negativo da balança comercial (fob-cif) de 7,4% (equivalente a 342 milhões de euros). A taxa de cobertura das importações pelas exportações atingiu os 70,3%, mais 5,1 p.p face ao trimestre homólogo do ano anterior.
- \* No primeiro trimestre de 2011 e *excluindo os produtos energéticos*, o crescimento das exportações de mercadorias continuou a ser superior (+20,2%) e o das importações inferior (+7,2%), uma vez que as exportações deste tipo de produtos decresceram 19,8% face a igual trimestre de 2010 e representaram 5,4% das exportações totais, enquanto as importações decresceram 16,7% e representaram, neste período, 15,3% das importações de mercadorias.
- \* Nos últimos 12 meses a terminar em março de 2011, as exportações cresceram, em termos homólogos, 16,4%. As importações mantiveram uma variação homóloga positiva inferior à das exportações (10,9%). Não obstante o comportamento positivo das exportações e das importações, o défice da balança comercial agravou-se 1,7%. *Excluindo os produtos energéticos*, o saldo negativo da balança comercial teve um comportamento oposto, recuperando 7,1%, com as exportações a crescer, 16,3% e as importações 8,8%, em termos homólogos.

<sup>1</sup> Os dados recentemente divulgados para o mês de março de 2011 correspondem a uma primeira versão preliminar e, tratando-se de um curto período do ano, a sua análise merece alguma prudência. O INE divulgou na mesma data os resultados definitivos para 2009, sendo que os dados divulgados para o ano de 2010 e presentes nos quadros e análise da secção 3. Comércio Internacional correspondem a uma nova versão revista face aos dados previamente apresentados. Refira-se, ainda, que a deteção de um erro por parte do INE nos dados declarados por uma empresa originou, pela sua magnitude, uma revisão extraordinária dos dados de 2007 e 2008 (comércio intracomunitário).

- \* À exceção dos produtos “Energéticos”, todos os grupos de produtos continuaram a contribuir positivamente para o crescimento homólogo das exportações no primeiro trimestre de 2011, destacando-se o contributo das exportações dos grupos “Material de Transporte” (+4,1 p.p.), “Minérios e Metais” (+3,9 p.p.) e “Químicos” (+3,8 p.p.) para o crescimento das exportações de mercadorias. Como anteriormente referido, as exportações de produtos “Energéticos” contribuíram negativamente com -1,6 p.p dado o decréscimo de 19,8%, em termos homólogos, das respetivas exportações. No último ano a terminar em março de 2011, todos os grupos de produtos contribuíram positivamente para o crescimento das exportações, destacando-se os contributos dos grupos “Material de Transporte” (+3,1 p.p.), “Químicos” e “Minérios e Metais” (ambos com contributos de +2,9 p.p.).
- \* Entre janeiro e março de 2011, as *exportações para o mercado comunitário* cresceram, em termos homólogos, 18% e representaram 76,4% das exportações totais de mercadorias. As exportações para os países da UE - 15 continuaram a crescer a um ritmo superior ao das exportações para os países do Alargamento (18,2% e 13,7%, respetivamente). Espanha continua a ser o principal mercado de destino das exportações de mercadorias (26,1%). Refira-se, ainda, que as exportações para a Alemanha e para a Espanha foram aquelas que mais contribuíram para o crescimento das exportações neste trimestre (3,6 p.p. e 3,2 p.p., respetivamente). As exportações de mercadorias para a França cresceram, em termos homólogos, 21,8% e contribuíram com 2,7 p.p. para o crescimento das exportações. As exportações para o Reino Unido cresceram, em termos homólogos, 6,9%.
- \* No primeiro trimestre de 2011, as *exportações para os Países Terceiros* cresceram 13,9% relativamente a igual período no ano transato. Destaca-se o crescimento das exportações para a Argélia (+80,7%), Brasil (+60,3%) e México (+52,5%). As exportações de mercadorias para os EUA registaram uma variação homóloga negativa de -4,6%. Ao contrário do registado no último ano a terminar em março, as exportações para Angola cresceram 7,8%, contribuindo positivamente para o crescimento das exportações (+0,4 p.p.).
- \* De acordo com os dados da Balança de Pagamentos divulgados para o mês de fevereiro de 2011, as **Exportações de Bens e Serviços** registaram um crescimento homólogo positivo de 17% entre janeiro e fevereiro de 2011. A componente de Bens continuou a crescer a uma taxa superior à da dos Serviços (20,1% e 9,5%, respetivamente), sendo que a componente de Bens foi a que mais contribuiu para o crescimento do total das Exportações (14,2 p.p.). As Importações de Bens e Serviços cresceram a uma taxa inferior (9%), sendo também a componente de Bens (+8,4 p.p.) a que mais contribuiu para este comportamento.

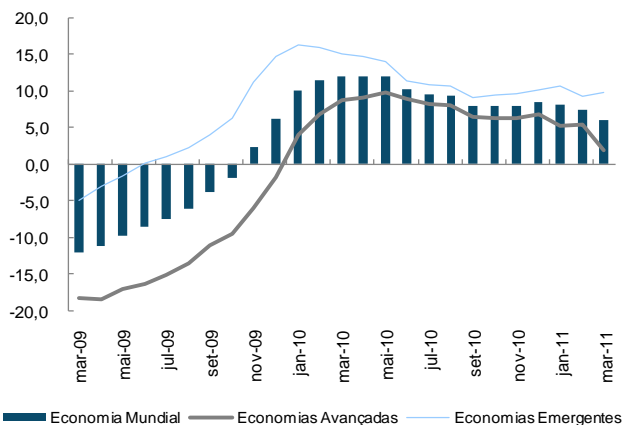


## 1. Enquadramento Internacional

### Atividade Económica Mundial

A produção industrial mundial abrandou no 1.º trimestre de 2011 para 7,1% em termos homólogos (8,1% no 4.º trimestre de 2010), devido à desaceleração registada nas economias avançadas. Pelo contrário, a produção industrial das economias emergentes melhorou, tendo sido especialmente significativa para a Ásia, a qual aumentou 12,5% no 1.º trimestre (11% no 4.º trimestre de 2010).

**Figura 1.1. Produção Industrial**  
(VH, em %)



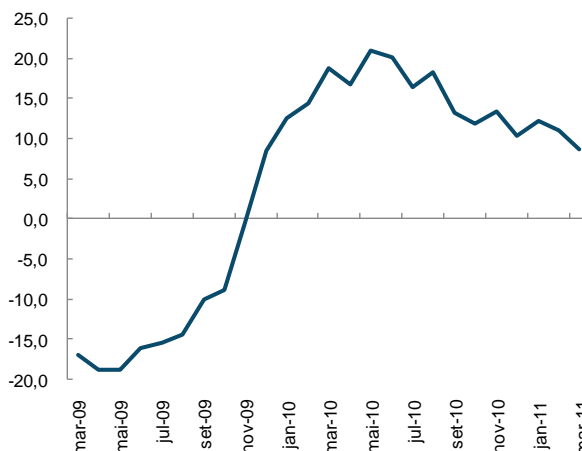
Fonte: CPB.

No 1.º trimestre de 2011, o comércio mundial de mercadorias registou um ligeiro abrandamento, tendência que se estendeu tanto ao nível das importações como das exportações mundiais.

De facto, neste período e, em termos homólogos reais:

- o comércio mundial aumentou 10,6% (11,8% no 4.º trimestre de 2010);
- as importações e as exportações mundiais desaceleraram para 8,9% (10,6% no 4.º trimestre de 2010) e para 12,2% (12,9% no 4.º trimestre de 2010), respetivamente.

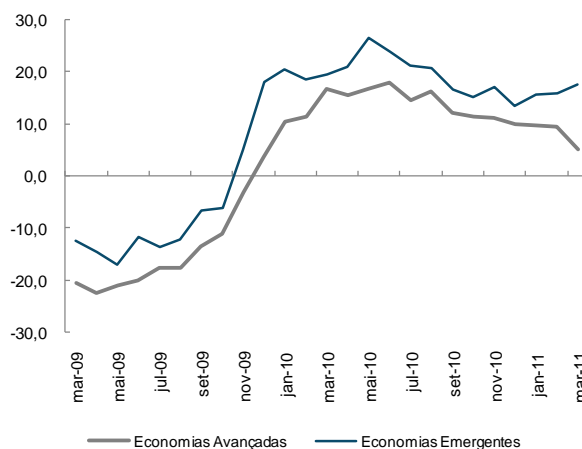
**Figura 1.2. Comércio Mundial de Mercadorias**  
(VH em volume, em %)



Fonte: CPB.

A desaceleração das importações abrangeu tanto as economias avançadas como as economias emergentes; enquanto no caso das exportações foram as economias avançadas que abrandaram, visto que as economias emergentes aceleraram.

**Figura 1.3. Exportações de Mercadorias**  
(VH em volume, em %)



Fonte: CPB.

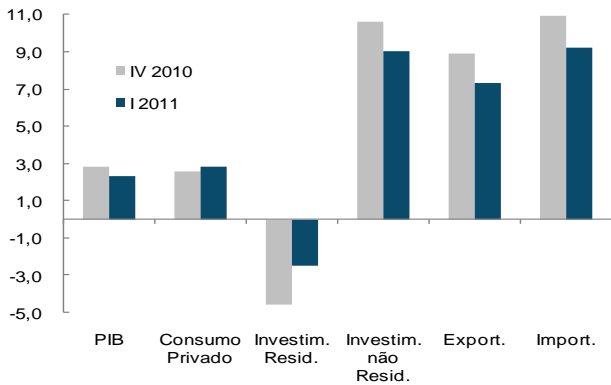
### Quadro 1.1. Indicadores de Atividade Económica Mundial

Indicador	Unidade	Fonte	2010	2010				2011	2010	2011		
				1T	2T	3T	4T	1T	dez	jan	fev	mar
Índice de Produção Industrial Mundial	VH	CPB	9,8	11,1	11,3	8,9	8,1	7,1	8,5	8,1	7,3	5,9
Economias Avançadas	VH	CPB	7,4	6,4	9,2	7,6	6,4	4,1	6,8	5,2	5,3	1,9
Economias Emergentes	VH	CPB	12,1	15,7	13,3	10,2	9,7	9,8	10,1	10,7	9,2	9,7
Comércio Mundial de Mercadorias	VH	CPB	15,4	15,2	19,3	15,9	11,8	10,6	10,2	12,2	10,9	8,6
Importações Mundiais	VH	CPB	14,5	14,3	18,3	15,0	10,6	8,9	8,8	11,7	9,2	5,9
Economias Avançadas	VH	CPB	11,5	7,2	16,2	13,3	9,5	7,5	8,1	11,1	7,9	3,7
Economias Emergentes	VH	CPB	18,0	23,3	20,8	16,9	11,9	10,4	9,6	12,4	10,6	8,4
Exportações Mundiais	VH	CPB	16,4	16,1	20,1	16,8	12,9	12,2	11,6	12,7	12,6	11,2
Economias Avançadas	VH	CPB	13,6	12,9	16,7	14,2	10,7	7,9	9,9	9,7	9,3	5,0
Economias Emergentes	VH	CPB	19,3	19,4	23,7	19,4	15,1	16,3	13,3	15,6	15,8	17,4

**Atividade Económica Extra-UE**

Nos **EUA**, o PIB desacelerou para 2,3% em termos homólogos reais no 1.º trimestre de 2011, em resultado do abrandamento da generalidade das componentes, embora se tenha assistido a uma melhoria do investimento privado residencial e do consumo privado, este último, influenciado, pela melhoria do mercado de trabalho e pelos efeitos dos estímulos fiscais concedidos às famílias. O contributo das exportações líquidas para o crescimento do PIB manteve-se negativo, enquanto o contributo da procura interna diminuiu, apesar de continuar positivo.

**Figura 1.4. PIB e componentes da Despesa em Volume nos EUA (VH, em %)**



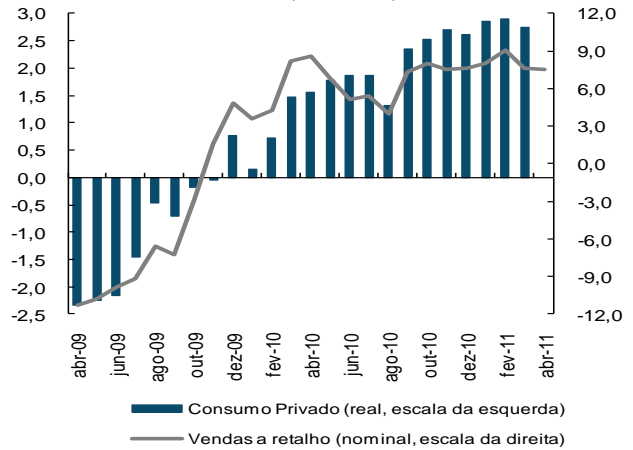
Fonte: Bureau of Economic Analysis.

Em abril de 2011, a produção industrial dos EUA abrandou ligeiramente em linha com a evolução menos positiva da confiança dos empresários; enquanto os indicadores associados ao consumo privado mantiveram uma evolução positiva. Assim, em termos homólogos:

- a produção industrial desacelerou para 5% (5,3% em março);
- as vendas a retalho aumentaram 7,6% em termos nominais, igual ao do mês precedente.

Também em abril, a taxa de desemprego subiu para 9% (8,8% em março) e a taxa de inflação homóloga aumentou para 3,2% (2,7% em março).

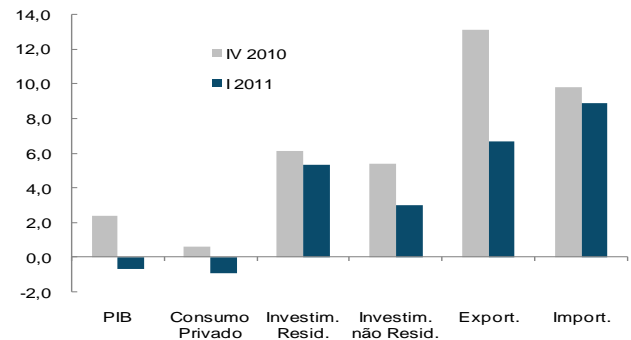
**Figura 1.5. Consumo Privado e Vendas a Retalho dos EUA (VH, em %)**



Fonte: Bureau of Economic Analysis.

No 1.º trimestre de 2011, a atividade económica do **Japão** apresentou um abrandamento significativo, devido, sobretudo aos efeitos do recente terramoto. Com efeito, o PIB diminuiu 0,7% em termos homólogos reais (+2,4% no 4.º trimestre de 2010), com destaque para a desaceleração das exportações, (6,7% que compara com 13,1% no 4.º trimestre de 2010).

**Figura 1.6. PIB e componentes da Despesa em Volume no Japão (VH, em %)**



Fonte: Instituto de Estatística do Japão.

A atividade económica da **China** manteve-se robusta em abril, embora os indicadores tivessem apresentado um ligeiro abrandamento. Assim, nesse mês e em termos homólogos nominais: a produção industrial desacelerou para 13,4% (14,8% em março); as vendas a retalho aumentaram 17,1% (17,4% em março) e as exportações cresceram 29,9% (35,8%).

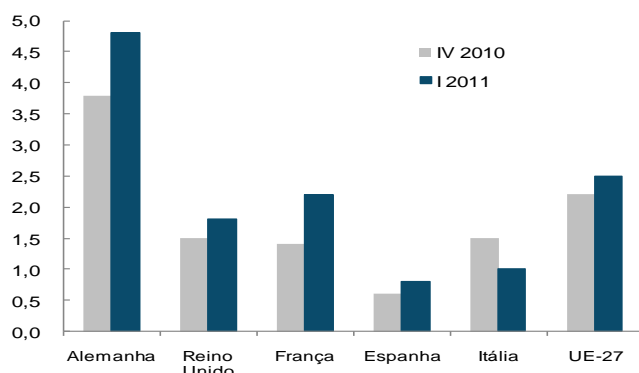
**Quadro 1.2. Indicadores de Atividade Económica Extra-UE**

Indicador	Unidade	Fonte	2010	2010				2011	2011			
				1T	2T	3T	4T	1T	jan	fev	mar	abr
EUA – PIB real	VH	BEA	2,9	2,4	3,0	3,2	2,8	2,3	-	-	-	-
Índice de Produção Industrial	VH	BGFRS	5,3	1,6	6,5	6,9	6,3	5,4	5,6	5,1	5,3	5,0
Índice ISM da Indústria Transformadora	%	ISM	57,3	58,6	57,6	55,2	57,9	61,1	60,8	61,4	61,2	60,4
Índice ISM dos Serviços	%	"	57,4	55,2	58,7	55,5	60,3	63,7	64,6	66,9	59,7	53,7
Indicador de Confiança dos Consumidores	SRE	Michigan	71,8	73,9	73,9	68,3	71,3	73,1	74,2	77,5	67,5	69,8
Taxa de Desemprego	%	BLS	9,6	9,7	9,6	9,6	9,6	8,9	9,0	8,9	8,8	9,0
China – PIB real	VH	NBSC	10,3	11,9	10,3	9,6	9,8	9,7	-	-	-	-
Exportações	VH	MC	31,3	30,3	41,0	32,5	25,2	25,3	37,7	2,4	35,8	29,9
Japão – PIB real	VH	COGJ	4,0	5,5	3,3	4,8	2,4	-0,7	-	-	-	-

## Atividade Económica da UE

No 1.º trimestre de 2011, tanto o PIB da União Europeia (UE) como o da área do euro (AE) aumentou 2,5% em termos homólogos reais (2,2% e 2%, respetivamente no 4.º trimestre de 2010). De entre as principais economias, destaca-se a melhoria registada na Alemanha (mantendo um forte crescimento), França, Reino Unido, Países Baixos; enquanto se assistiu a uma desaceleração na Itália.

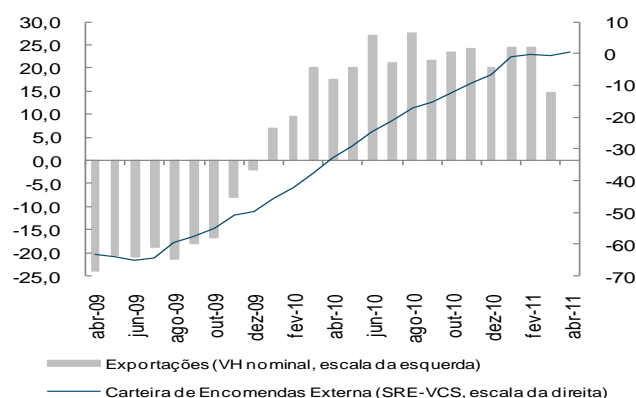
Figura 1.7. PIB da União Europeia (VH real, em %)



Fonte: Eurostat.

Os indicadores quantitativos disponíveis para a área do euro no decurso do 1.º trimestre indicam um abrandamento da produção industrial e das vendas a retalho e, uma ligeira desaceleração das exportações, embora tivessem apresentado um crescimento robusto (21,2% em termos homólogos nominais).

Figura 1.8. Exportações e Encomendas Externas da Área do Euro



Fontes: Comissão Europeia; Eurostat.

Quadro 1.3. Indicadores de Atividade Económica da UE

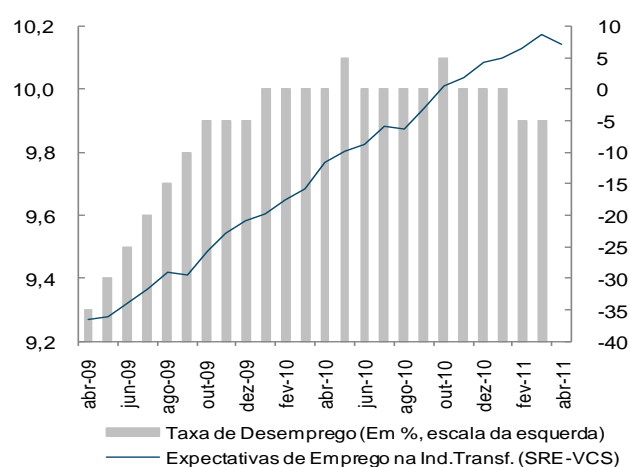
Indicador	Unidade	Fonte	2010	2010				2011	2011			
				1T	2T	3T	4T	1T	jan	fev	mar	abr
União Europeia (UE-27) – PIB real	VH	Eurostat	1,8	0,6	2,0	2,2	2,2	2,5	-	-	-	-
Indicador de Sentimento Económico	Índice	CE	101,6	98,0	100,4	103,0	105,2	106,8	105,8	107,2	107,4	105,1
Área do Euro (AE-17) – PIB real	VH	Eurostat	1,7	0,8	2,0	2,0	2,0	2,5	-	-	-	-
Indicador de Sentimento Económico	Índice	CE	100,8	96,4	99,1	102,2	105,6	107,3	106,8	107,9	107,3	106,2
Índice de Produção Industrial	VH	Eurostat	7,4	5,1	9,3	7,2	8,1	6,5	6,3	7,7	5,4	:
Índice de Vendas a Retalho	VH real	"	0,8	0,4	0,7	1,3	0,7	0,1	0,6	1,0	-1,3	:
Taxa de Desemprego	%	"	10,1	10,1	10,2	10,1	10,1	9,9	10,0	9,9	9,9	:
IHPC	VH	"	1,6	1,1	1,6	1,7	2,0	2,5	2,3	2,4	2,7	2,8

Em abril de 2011, o indicador de sentimento económico diminuiu tanto na UE como na AE, interrompendo a tendência de subida registada nos 2 meses precedentes, em resultado da descida de todos os indicadores de confiança, com exceção dos empresários da construção.

Em março de 2011, a taxa de desemprego estabilizou na AE e UE, tendo-se mantido em 9,9% e em 9,5%, respetivamente.

Em abril de 2011, as expectativas dos empresários quanto à criação de emprego melhoraram para os serviços e para a construção; enquanto se deterioraram para a indústria transformadora e para o comércio a retalho.

Figura 1.9. Taxa de Desemprego e Expectativas de Emprego na Indústria da Área do Euro



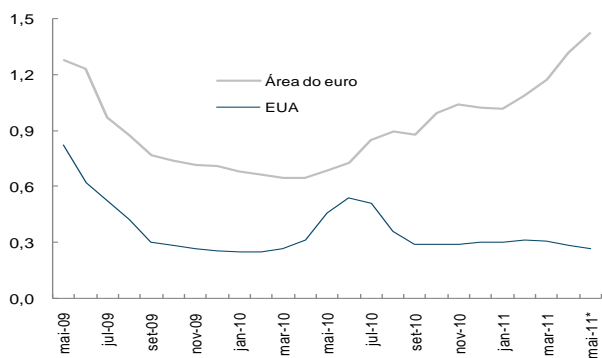
Fontes: Comissão Europeia; Eurostat.

Em abril de 2011, a taxa de inflação homóloga da área do euro aumentou para 2,8% (2,7% em março) e para 2,1% em termos de variação dos últimos 12 meses (2% em março). Para esta subida contribuiu sobretudo a aceleração do preço dos serviços que foi de 2% em abril, comparado com 1,6%, em março.

## Mercados Financeiros e Matérias-Primas

No dia 7 de abril, o Conselho do Banco Central Europeu decidiu aumentar a taxa diretora para 1,25% (1%, desde maio de 2009). Em maio de 2011 e até ao dia 20, as taxas de juro de curto prazo prosseguiram o movimento ascendente na área do euro, situando-se em 1,42% (1,32%, em média, em abril); enquanto nos EUA diminuíram para se situarem em 0,26% (0,28%, em média, em abril).

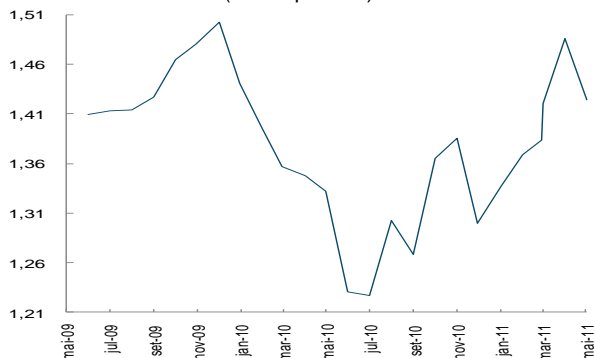
**Figura 1.10. Taxa de Juro a 3 meses do Mercado Monetário (Média mensal, em %)**



Fonte: BCE; IGCP. \* Média até ao dia 20.

Em abril de 2011, as taxas de juro de longo prazo aumentaram quer nos EUA quer na área do euro, mas de forma mais acentuada no caso da área do euro, refletindo, em parte, o ressurgimento de algumas tensões existentes nos mercados financeiros relacionadas com o risco de dívida soberana em alguns países periféricos, como na Grécia, na Irlanda e em Portugal.

**Figura 1.11. Taxa de Câmbio do Euro face ao Dólar (fim do período)**

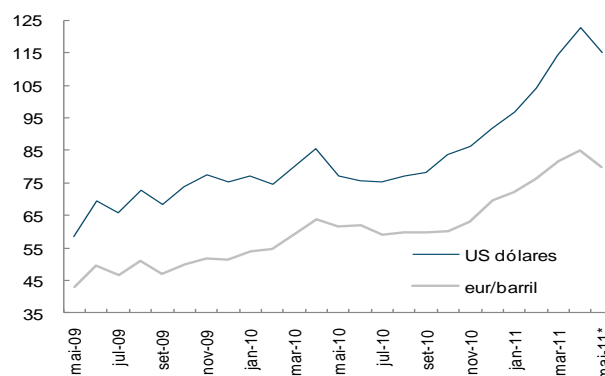


Fonte: Banco de Portugal. Para maio, o valor é do dia 20.

Após uma forte apreciação do euro face ao dólar no início do mês de maio, tendo atingido o valor mais elevado deste ano (1,49, no dia 4), este tem vindo a registar uma depreciação significativa, situando-se em 1,42, no dia 20 deste mês, situação para a qual tem contribuído, em parte, a especulação em torno da reestruturação da dívida pública da Grécia.

Em abril de 2011, o índice de preços relativo do petróleo importado subiu para 84,8 (por memória atingiu o valor de 100 durante a crise petrolífera de 1979). Em maio, e até dia 20, o preço do petróleo *Brent* atenuou a forte subida registada em abril, para se situar, em média, em 115 USD/bbl (80 €/bbl) associada, em parte, à expectativa de um menor dinamismo do crescimento mundial impulsionado por alguma quebra, ainda que ligeira, da generalidade dos indicadores de confiança e quantitativos respeitantes ao início do 2.º trimestre.

**Figura 1.12. Preço médio Spot do Petróleo Brent (Em USD e euros)**



Fontes: DGEG, IGCP e BP. \* Média dos dias 1 a 20.

Em abril de 2011, o preço das matérias-primas não energéticas continuou a desacelerar, tendo aumentado 26% em termos homólogos (31% em março), tendência que se refletiu em todas as componentes, tendo sido mais expressiva ao nível dos metais.

### Quadro 1.4. Indicadores Monetários e Financeiros Internacionais

Indicador	Unidade	Fonte	2010	2010				2011	2011			
				1T	2T	3T	4T	1T	jan	fev	mar	abr
Taxa Euribor a 3 meses*	%	BP	1,01	0,63	0,77	0,89	1,01	1,23	1,05	1,09	1,23	1,39
Yield OT 10 anos – EUA**	%	Eurostat	3,22	3,72	3,49	2,79	2,86	3,46	3,39	3,58	3,41	3,46
Yield OT 10 anos – Área do euro**	%	"	3,64	3,71	3,61	3,45	3,76	4,35	4,26	4,35	4,43	4,58
Taxa de Câmbio*	Eur/USD	BP	1,336	1,348	1,227	1,365	1,336	1,421	1,369	1,383	1,421	1,486
Dow Jones*	VC	Yahoo	11,0	4,1	-10,0	10,4	7,3	6,4	2,7	2,8	0,8	4,0
DJ Euro Stoxx50*	VC	"	-5,8	-1,1	-12,2	6,8	1,6	4,2	5,8	2,0	-3,4	3,4
Spot do Petróleo Brent em USD/bbl**	USD/bbl	DGEG	80,21	77,22	79,53	76,87	87,23	105,15	96,67	104,25	114,53	122,68
Spot do Petróleo Brent em USD/bbl**	VH	"	28,4	68,9	33,5	11,4	15,5	36,2	25,3	39,7	43,3	43,2
Spot do Petróleo Brent em euros/bbl**	VH	DGEG e BP	34,9	59,0	43,1	23,4	25,8	37,7	33,9	40,1	38,9	33,0
Preço Relativo do Petróleo em euros***	1979=100	GEE	59,7	55,9	61,4	60,6	61,5	73,9	70,8	69,7	81,0	84,8

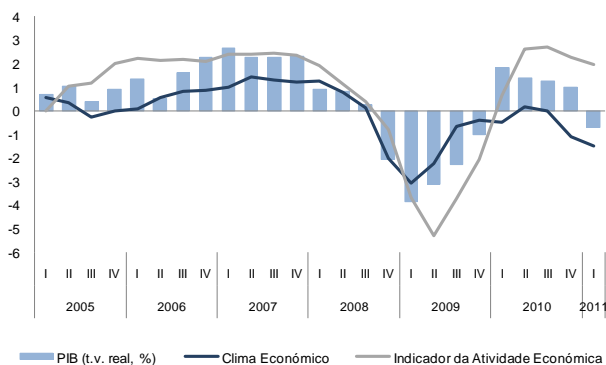
\* Fim de período; \*\* Valores médios; \*\*\* Preço Relativo do Petróleo é o rácio entre o preço de importação de ramos de petróleo bruto em euros e o deflator do PIB em Portugal (sempre que não haja deflatores, utiliza-se o último deflatores conhecido). Nota: O preço do Petróleo Brent em 2009, 2010 e 2011 corresponde à média diária do IGCP.

## 2. Conjuntura Nacional

### Atividade Económica e Oferta

No 1.º trimestre de 2011, e de acordo com a estimativa rápida do INE, o PIB terá registado uma quebra em volume de 0,7% em termos homólogos, fruto do contributo negativo da procura interna, em particular, das despesas de consumo final. Também o indicador de clima económico voltou a agravar-se no 1.º trimestre de 2011, tendo registado o valor mais baixo desde o 2.º trimestre de 2009.

Figura 2.1. PIB e Indicadores de Síntese Económica

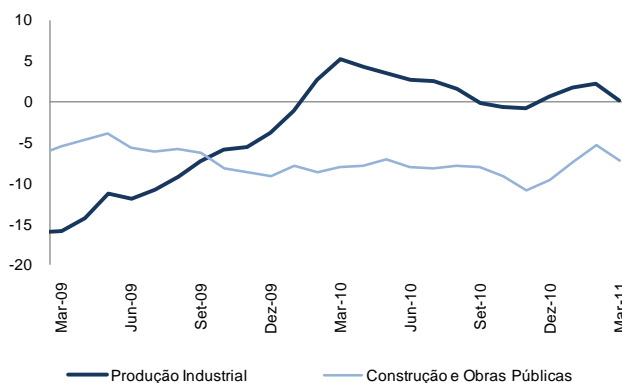


Fontes: INE.

Os dados quantitativos disponíveis para o 1.º trimestre de 2011 mostram que, em termos médios homólogos:

- na indústria transformadora, o índice de produção desacelerou para 0,2% (0,7% no 4.º trimestre de 2010) enquanto o índice de volume de negócios cresceu 9,8%, mais 1,3 p.p. do que no último trimestre de 2010;
- o índice de produção na construção e obras públicas abrandou a quebra para 7,3% (-9,6% no 4.º trimestre de 2010);
- os índices de volume de negócios nos serviços e comércio a retalho apresentaram quebras de 3,6% e 4,3%, respetivamente, agravando o seu comportamento face ao último trimestre de 2010 (2,5% e -0,9%, respetivamente).

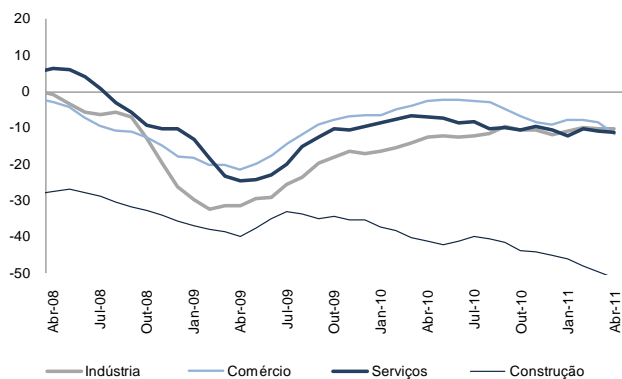
Figura 2.2. Índices de Produção (MM3, VH, %)



Fonte: INE.

No trimestre terminado em Abril, registou-se um agravamento dos indicadores de confiança em todos os setores, com o comércio a registar a quebra mais significativa e a construção a atingir um novo mínimo. Contudo, em termos mensais, verificou-se uma melhoria no indicador de confiança da indústria, que registou uma quebra menos acentuada do que no mês anterior.

Figura 2.3. Indicadores de Confiança (SRE, MM3)



Fonte: INE.

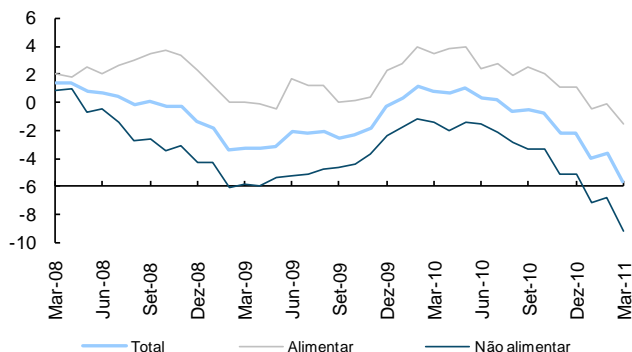
Quadro 2.1. Indicadores de Atividade Económica e Oferta

Indicador	Unidade	Fonte	2010	2010				2011	2011			
				1T	2T	3T	4T		1T	jan	fev	mar
PIB – CN Trimestrais	VH Real	INE	13	18	14	12	10	-0,7	:	:	:	:
Indicador de Clima Económico	SRE-VE	"	-0,4	-0,6	0,0	0,0	-1,1	-1,5	-1,2	-1,4	-1,5	-1,8
Indicador de Confiança da Indústria	SRE-VCS	"	-12,1	-14,1	-12,7	-9,6	-12,0	-10,2	-9,9	-8,0	-12,9	-10,0
Indicador de Confiança do Comércio	"	"	-5,0	-4,0	-2,1	-4,8	-9,0	-8,4	-6,5	-8,0	-10,8	-16,6
Indicador de Confiança dos Serviços	"	"	-8,9	-6,6	-8,7	-9,8	-10,5	-11,1	-13,4	-7,0	-12,9	-13,8
Indicador de Confiança da Construção	"	"	-42,1	-40,2	-41,4	-41,6	-45,3	-49,9	-48,9	-50,9	-49,9	-53,2
Índice de Produção Industrial – Ind. Transf.	VH	"	2,0	5,2	2,7	-0,2	0,7	0,2	1,6	1,9	-2,6	:
Índice de Volume de Negócios – Ind. Transf.	"	"	9,4	10,7	10,5	7,9	8,5	9,8	9,5	13,5	6,9	:
Índice de Volume de Negócios - Serviços	"	"	2,6	1,6	5,1	1,3	2,5	-3,6	-3,2	-2,6	-4,7	:

**Consumo Privado**

No 1.º trimestre o índice de volume de negócios no comércio a retalho (IVNCR) apresentou em termos homólogos um decréscimo de 5,6%, 3,4 p.p. superior à quebra verificada no trimestre anterior. Esta evolução decorreu da redução de 1,6% na categoria dos bens alimentares (agravamento de 2,7 p.p. face 4.º trimestre de 2010) e da diminuição de 9,2% na categoria dos bens não alimentares (4,1 p.p. maior que no trimestre anterior).

**Figura 2.4. Índice do Volume de Negócios no Comércio a Retalho (MM3, VH)**

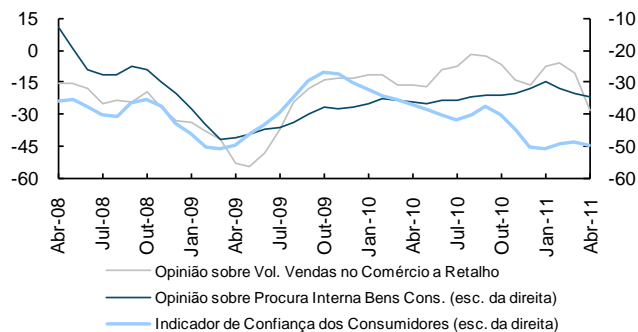


Fonte: INE.

No mês de abril registou-se uma forte degradação da confiança dos empresários do comércio a retalho. Já relativamente à avaliação do comportamento da procura interna por bens de consumo produzidos pela indústria constatou-se uma melhoria no sentimento dos empresários.

No que se refere aos consumidores, no mês de abril, o índice de confiança evidenciou uma forte quebra. Para este resultado contribuiu um agravamento de todas as componentes deste indicador.

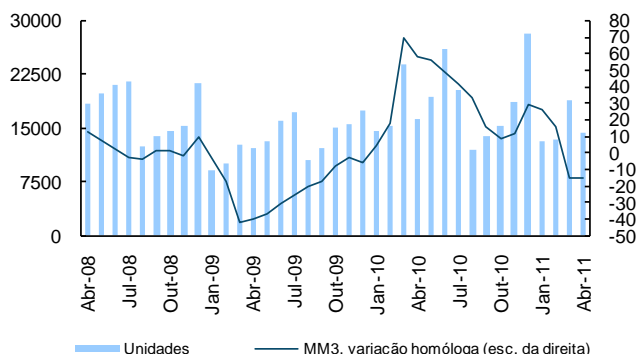
**Figura 2.5. Opiniões dos Empresários e Confiança dos Consumidores (SRE-VE, MM3)**



Fonte: INE.

As vendas de veículos no mês de abril totalizaram aproximadamente os 14,5 mil veículos, representando uma quebra de 10,9% em termos homólogos. Este registo representa contudo uma melhoria de 9,7 p.p. em relação ao mês anterior.

**Figura 2.6. Venda de Automóveis Ligeiros de Passageiros**



Fonte: ACAP.

**Quadro 2.2. Indicadores de Consumo Privado**

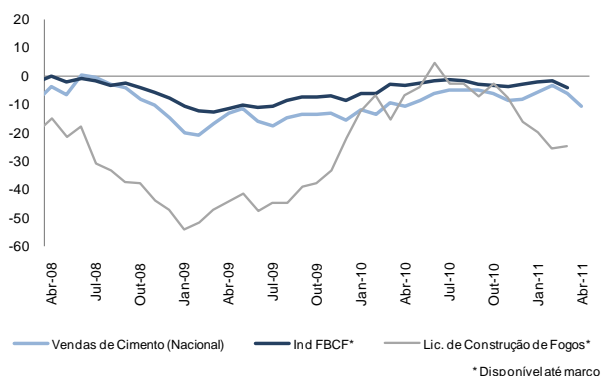
Indicador	Unidade	Fonte	2010	2010				2011	2011			
				1T	2T	3T	4T	1T	Jan	Fev	Mar	Abr
Consumo Privado - CN Trimestrais	VH real	INE	2,2	2,8	3,0	1,9	1,0	-	-	-	-	-
Indicador de Confiança dos Consumidores	SRE-VE	"	-41	-35	-40	-37	-50	-48	-51	-47	-48	-54
Volume de Vendas no Comércio a Retalho	VH	"	-11	-17	-9	-3	-16	-11	12	-16	-28	-40
Índice de Vol. Negócios no Comércio a Retalho*	VH	"	-0,4	0,8	0,3	-0,6	-2,2	-5,6	-6,7	-3,6	-6,6	-
Bens alimentares	VH	"	2,4	3,5	2,4	2,6	1,1	-1,6	-2,5	-0,3	-1,9	-
Bens não alimentares	VH	"	-2,8	-1,4	-1,5	-3,4	-5,1	-9,2	-10,2	-6,4	-10,9	-
Vendas de Automóveis Ligeiros de Passageiros**	VH	ACAP	38,8	69,1	48,8	16,1	28,9	-15,2	-9,2	-12,5	-20,6	-10,9
Importações de bens de consumo***	VH	INE	2,3	-1,8	1,7	1,3	-0,7	3,9	-2,8	7,0	4,9	:

\* Índices deflacionados, corrigidos de sazonalidade e de dias úteis; \*\* Inclui veículos Todo-o-Terreno e Monovolumes com mais de 2300Kg; \*\*\* Exclui material de transporte.

## Investimento

No 1.º trimestre de 2011, de acordo com os dados do INE, a taxa de desemprego foi de 12,4%, um aumento de 1,3 p.p. face à taxa registada no 4.º trimestre de 2010. De salientar que, neste trimestre, se verificou uma alteração metodológica nos inquéritos trimestrais ao emprego. Caso o INE mantivesse a metodologia anterior a taxa de desemprego apurada seria de 11,4%.

**Figura 2.7. Indicadores de Investimento**  
(VH, MM3)

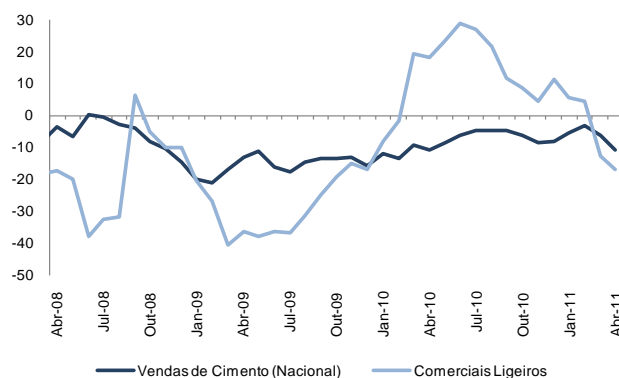


Fonte: INE.

Para o trimestre terminado em Abril, os dados disponíveis mostram que:

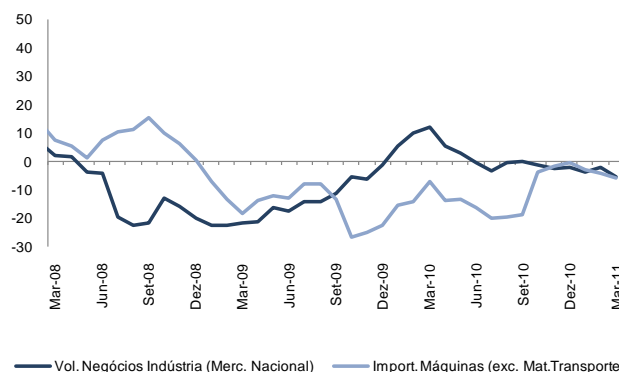
- as vendas de cimento acentuaram a quebra para 10,7% (-6,1% no 1.º trimestre);
- as vendas de veículos comerciais ligeiros apresentaram uma quebra de 16,9%, superior em 4,3 p.p. face ao registado no 1.º trimestre;
- as opiniões dos empresários sobre a evolução das vendas de bens de investimento no comércio por grosso, continuaram a agravar-se em relação aos trimestres anteriores.

**Figura 2.8. Vendas de Cimento e de Veículos Comerciais Ligeiros**  
(VH, MM3)



Fonte: INE.

**Figura 2.9. Bens de Equipamento**  
(VH, MM3)



Fonte: INE

No 1.º trimestre de 2011, as licenças de construção de fogos e o índice de volume de negócios na indústria de bens de investimento para o mercado nacional continuaram a apresentar um perfil descendente com quebras de 24,8% e 5,5% face a -16% e -1,8%, respetivamente. Também as importações de bens de capital, excepto material de transporte continuaram a acentuar as quebras com um agravamento de 5,4 p.p. face à quebra verificada no 4.º trimestre de 2010.

### Quadro 2.3 Indicadores de Investimento

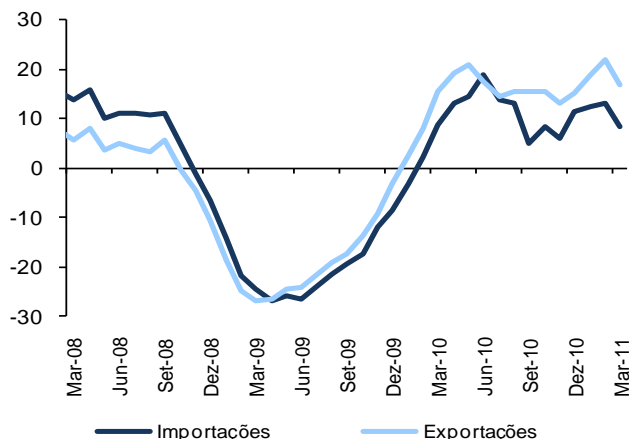
Indicador	Unidade	Fonte	2010	2010				2011	2011			
				1T	2T	3T	4T		1T	jan	fev	mar
FBCF – CN Trimestrais	VH Real	INE	-5,0	-2,7	-5,1	-7,6	-4,5	:	:	:	:	:
Indicador de FBCF	SRE-VE	"	-3,1	-2,9	-14	-2,9	-2,6	-4,2	-2,0	-17	-4,2	:
Vendas de Cimento	VH	SECIL e CIMPOR	-116	-9,4	-6,1	-4,7	-8,0	-6,1	-4,8	-3,5	-9,3	-18,1
Vendas de Veículos Comerciais Ligeiros	VH	ACAP	17,4	19,6	29,0	116	114	-12,6	-16,9	-6,2	-14,3	-28,2
Vendas de Veículos Comerciais Pesados	VH	"	-6,9	-33,7	-3,5	-10,7	39,9	26,9	34,3	17,3	26,3	33,0
Volume Vendas Bens de Investimento*	SRE-VE	INE	-28,3	-32	-32	-29	-20,0	-219	-6,5	-19,4	-39,8	-38,2
Licenças de Construção de fogos	VH	"	-8,4	-15,2	4,9	-7,2	-16,0	-24,8	-17,7	-27,5	-29,1	:
Importações de Bens de Capital**	VH	"	-10,6	-7,2	-16,1	-18,7	-0,4	-5,8	-2,1	-6,4	-8,4	:
Índice Vol. Negócios da IT de Bens de Inv.***	VH	"	-5,8	12,3	-0,2	0,1	-18	-5,5	-12,9	5,7	-7,3	:

\* no Comércio por Grosso; \*\* exceto Material de Transporte; \*\*\* para o Mercado Nacional.

## Contas Externas

No 1.º trimestre de 2011, os dados relativos ao comércio internacional de bens divulgados pelo INE, sugerem uma aceleração em termos nominais das exportações e uma desaceleração das importações. Em termos homólogos, as exportações cresceram 17% e as importações 8,5%, face a 15,3% e 11,5% no 4.º trimestre de 2010, respetivamente.

**Figura 2.10. Fluxos do Comércio Internacional**  
(VH, MM3, %)

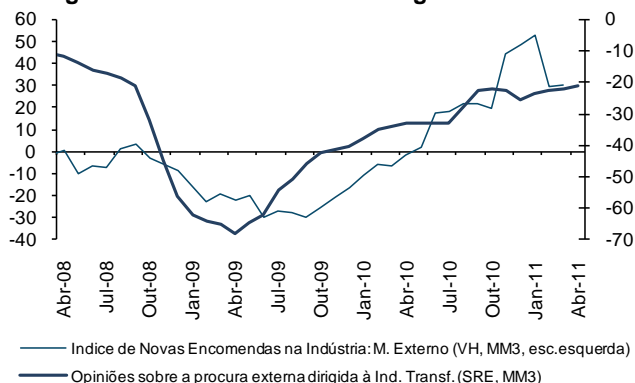


Fonte: INE.

O comportamento das importações resultou de uma desaceleração das componentes intra e extracomunitária, ainda que mais acentuada no último caso (8,3% e 9,1% face a 10,3% e 16% no 4.º trimestre de 2010, respetivamente). Nas exportações, verificou-se uma aceleração da componente intracomunitária para 18% (14,8% no trimestre precedente) e uma desaceleração da componente extra para 13,9% (17% no 4.º trimestre de 2010).

No 1.º trimestre de 2011, as novas encomendas à indústria do mercado externo desaceleraram fortemente face ao crescimento verificado no 4.º trimestre (30,5% face a 48,7% no 4.º trimestre), embora continuem a apresentar um crescimento robusto. As opiniões sobre a procura externa na indústria continuam, no trimestre terminado em Abril, uma trajetória de recuperação iniciada em Abril de 2009.

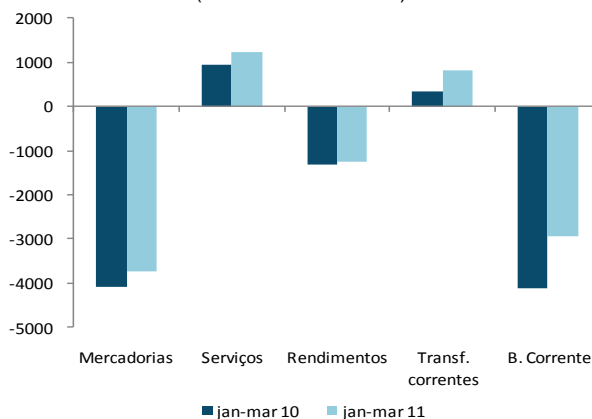
**Figura 2.11. Procura Externa dirigida à Indústria**



Fonte: INE.

Até março de 2011, o défice acumulado da balança corrente foi de 2 940 milhões de euros, o que representa uma redução de 1 179 milhões de euros em termos homólogos. Este resultado traduz uma melhoria em todos os saldos, incluindo da balança de bens e serviços em 634 milhões de euros.

**Figura 2.12. Balança Corrente: composição do saldo**  
(em milhões de euros)



Fonte: Banco de Portugal.

Também o défice da balança corrente e de capital apresentou uma redução de 1 162 milhões de euros, o que se traduz numa diminuição das necessidades de financiamento externo da economia face a igual período do ano anterior.

### Quadro 2.4. Indicadores de Contas Externas

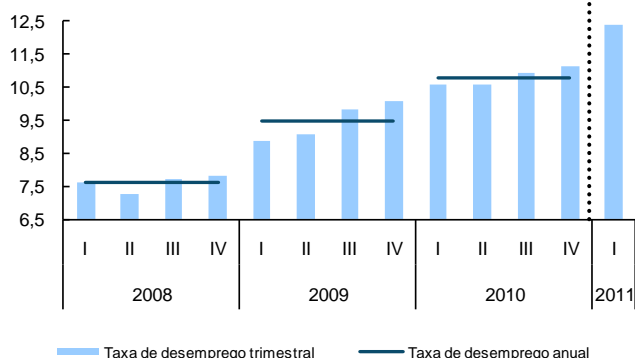
Indicador	Unidade	Fonte	2010	2009	2010				2010	2011		
				4T	1T	2T	3T	4T	dez	jan	fev	mar
Exportações (B&S) - CN Trimestrais	VHreal	INE	8,7	-13	8,8	9,2	8,6	8,1	:	:	:	:
Importações (B&S) - CN Trimestrais	VHreal	"	5,3	-3,7	5,6	9,9	16	4,5	:	:	:	:
Saldo de bens e serviços	%PIB	"	7,3	7,3	7,1	8,6	6,2	7,3	:	:	:	:
Necessid. de financiamento da economia	%PIB	"	-8,4	-10,0	-8,9	-10,1	-7,8	-6,9	:	:	:	:
Saídas de mercadorias	VHnom	"	16,0	-3,2	15,4	17,7	15,5	15,3	24,7	19,7	21,2	11,5
Entradas de mercadorias	VHnom	"	11,0	-8,6	8,9	18,9	5,1	11,5	19,4	11,0	9,1	6,0

Indicador	Unidade	Fonte	2010	2010		2011		Var. Acumulada
				mar	jan-mar	mar	jan-mar	
Saldo Balança Corrente e de Capital	10 <sup>6</sup> euros	BP	-15 143	-1260	-3 883	-1010	-2 721	1 162
Saldo Balança de Bens	"	"	-17 931	-1496	-4 078	-1424	-3 731	347
Saldo Balança de Serviços	"	"	6 709	313	938	446	1226	287
Saldo Balança de Rendimentos	"	"	-8 037	-508	-1329	-465	-1243	86
Saldo Balança de Transf. Correntes	"	"	2 175	227	350	338	808	459

## Mercado de Trabalho

No 1.º trimestre de 2011, de acordo com os dados do INE, a taxa de desemprego foi de 12,4%, um aumento de 1,3 p.p. face à taxa registada no 4.º trimestre de 2010. De salientar que se verificou uma alteração metodológica por parte do INE nos inquéritos trimestrais ao emprego, estimando o INE que com a metodologia anterior a taxa de desemprego apurada seria de 11,4%.

**Figura 2.13. Taxa de Desemprego (%)**



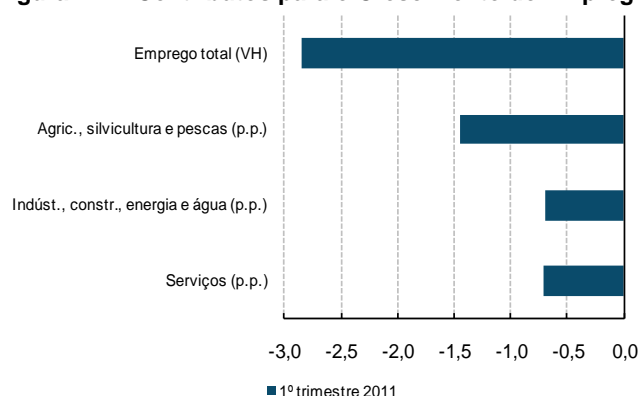
Fonte: INE.

Em valores absolutos observou-se um aumento de 69,9 mil desempregados em relação ao 4.º trimestre de 2010 e um acréscimo de 96,7 mil desempregados quando comparando com o trimestre homólogo. Também neste caso utilizando a metodologia antiga a variação do número de desempregados seria, de acordo com estimativa do INE, inferior em 55,6 mil.

A variação homóloga do emprego total no final do 1.º trimestre diminuiu 2,8% (seria de 1,3% utilizando a metodologia anterior) refletindo um contributo negativo de todos os sectores, com exceção da indústria, construção energia e água.

A quebra no emprego foi 1 p.p. superior à registada no 1.º trimestre de 2010 (com a metodologia antiga em vez de um agravar ter-se-ia uma melhoria de 0,5 p.p. na evolução do emprego).

**Figura 2.14. Contributos para o Crescimento do Emprego**



Fonte: INE.

De acordo com os dados do IEFP no final do mês de abril os desempregados registados ascendiam a 542 mil, representando um decréscimo de 5% em termos homólogos, 1,5 p.p. superior ao registado em março, e uma redução de 28,8 mil desempregados face a abril de 2010 e de 9,9 mil em relação a março de 2011.

O número de desempregados inscritos mensalmente manteve a tendência de diminuição, registando em abril uma quebra homóloga de 14,2%.

Registou-se uma diminuição em termos homólogos das ofertas de emprego e das colocações, mas um aumento face a março, mantendo-se a melhoria da eficácia na colocação dos desempregados, com o rácio das colocações sobre as ofertas a subir para os 63%.

Até ao final de abril, as remunerações implícitas nos instrumentos de regulamentação coletiva de trabalho registaram um crescimento homólogo de 2,1%, 0,3 p.p inferior à do mês anterior.

O número de trabalhadores abrangidos ascendeu a cerca de 441 mil, o que representa menos 274 mil que em abril de 2010.

**Quadro 2.5. Indicadores do Mercado de Trabalho**

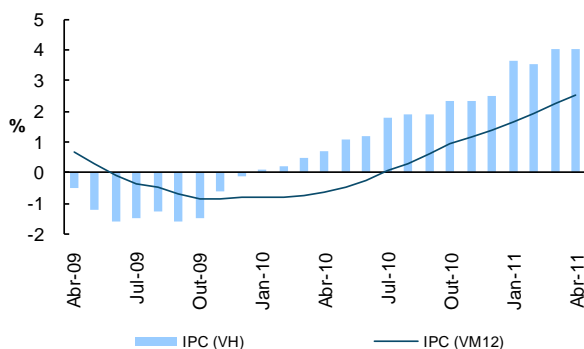
Indicador	Unidade	Fonte	2010	2010				2011	2011			
				1T	2T	3T	4T	1T	Jan	Fev	Mar	Abr
Taxa de Desemprego	%	INE	10,8	10,6	10,6	10,9	11,1	12,4	-	-	-	-
Emprego Total	VH	"	-1,5	-1,8	-1,7	-1,1	-1,5	-2,8	-	-	-	-
Desemprego Registado (f.p.)	VH	IEFP	3,3	18,1	12,7	8,9	3,3	-3,5	-0,5	-1,0	-3,5	-5,0
Desempregados Inscritos (l.p.)	VH	"	-6,7	-3,9	-9,1	-6,8	-7,5	-11,0	-9,1	-8,4	-15,2	-14,6
Ofertas de Emprego (l.p.)	VH	"	4,9	15,4	18,1	-0,3	-12,4	-10,3	-13,9	4,2	-18,4	-28,5
Contratação Coletiva	VHA	MTSS	2,4	1,9	2,5	2,4	2,4	2,4	2,5	2,3	2,4	2,1
Índice do Custo do Trabalho* – Portugal	VH	INE	1,4	-0,2	1,3	-0,1	4,2	0,8	-	-	-	-
Índice do Custo do Trabalho* – AE16	VH	Eurostat	1,5	1,9	1,5	0,9	1,6	:	-	-	-	-

\* Total, excluindo a Administração Pública, Educação, Saúde e Outras Atividades; f.p. - no fim do período; l.p. - ao longo do período.

## Preços

Em abril, o Índice de Preços no Consumidor (IPC), apresentou uma taxa de variação homóloga de 4,1%, 0,1 p.p. superior ao do mês anterior. Esta evolução levou a que a variação média dos últimos 12 meses do IPC tenha atingido os 2,5% neste mês, 0,2 p.p. acima do valor verificado no final de março.

**Figura 2.15. Taxa de Variação do IPC**  
(VH, em %)



Fonte: INE.

Os transportes e a habitação, água e eletricidade, categorias onde se verifica um forte impacto do preço dos produtos energéticos, que registaram um aumento de 12,5%, foram as categorias que mais contribuíram para este aumento, com crescimentos homólogos de 10,3% e 5,6%, respetivamente.

Nos bens alimentares manteve-se a tendência de aumento de preços, com um crescimento de 2,4% na categoria dos produtos alimentares e bebidas não alcoólicas e nas bebidas alcoólicas e tabaco e na saúde também se assistiu a uma contribuição para a subida dos preços, com variações homólogas de 9,6 e 3,8, respetivamente.

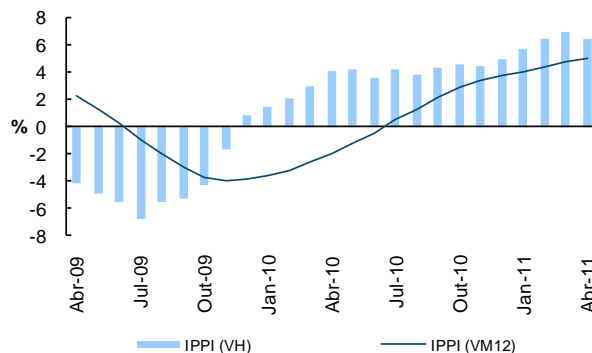
O calçado e vestuário foi a única categoria a apresentar uma contribuição negativa para o aumento do IPC, com uma redução de 1,5% dos preços em termos homólogos.

A taxa de variação do preço dos bens manteve-se nos 4,8% e a dos serviços subiu para os 2,9%, mais 0,2 p.p. que no mês anterior, reduzindo o diferencial em 0,2 p.p. para os 1,9 p.p.

A inflação subjacente em março (IPC excluindo bens alimentares não transformados e energéticos) aumentou 0,2 p.p. para os 2,6%, diminuindo o diferencial face ao IPC total para 1,4 p.p..

No Índice de Preços na Produção Industrial observou-se um abrandamento de 0,4 p.p. do crescimento dos preços com uma variação homóloga de 6,5% em abril. A variação média dos últimos 12 meses subiu 0,2 p.p. para os 5%.

**Figura 2.16. Taxa de Variação do IPPI**  
(VH, %)



Fontes: INE.

Os maiores aumentos observaram-se nos agrupamentos industriais dos produtos intermédios e na energia, com crescimentos de 5,6% e 12,8%, respetivamente. Por secções os maiores subidas registam-se na Eletricidade, Gás, Vapor, Água Quente e Ar Frio e nas Indústrias Transformadoras, 7,3% e 6,4%, respetivamente.

A variação homóloga do Índice Harmonizado de Preços no Consumidor situou-se em 3,8% no mês de abril, 1 p.p. acima da variação homóloga na área euro (2,8%), reduzindo em 0,1 p.p. o diferencial verificado em março.

**Quadro 2.6. Indicadores de Preços**

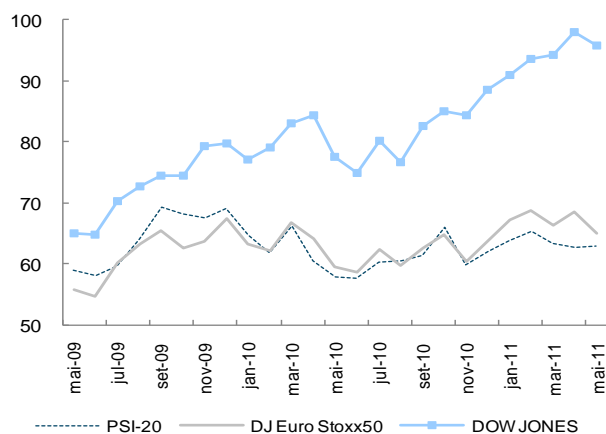
Indicador	Unidade	Fonte	2010	2010					2011			
				Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr
Índice de Preços no Consumidor	VC	INE	:	-0,2	0,2	0,4	0,2	0,3	0,6	0,0	1,6	0,4
Índice de Preços no Consumidor	VH	INE	:	1,9	1,9	2,3	2,3	2,5	3,6	3,5	4,0	4,1
Índice de Preços no Consumidor	VM 12	"	1,4	0,3	0,6	0,9	1,2	1,4	1,7	2,0	2,3	2,5
IPC – Bens	VH	"	1,7	2,6	2,6	3,2	3,0	3,4	4,4	4,4	4,8	4,8
IPC – Serviços	"	"	1,0	1,1	1,1	1,1	1,2	1,2	2,5	2,4	2,7	2,9
IPC excl. aliment. não transf. e energéticos	"	"	0,2	0,8	0,6	0,4	1,1	0,9	2,1	1,9	2,4	2,6
Índice de Preços na Produção Industrial	VH	"	3,7	3,9	4,4	4,6	4,5	4,9	5,8	6,5	6,9	6,5
IHPC	"	"	1,4	1,9	1,9	2,2	2,1	2,3	3,5	3,3	3,7	3,8
Diferencial IHPC vs área do euro (VH)	p.p.	Eurostat	-0,2	0,4	0,1	0,3	0,3	0,1	1,2	0,9	1,1	1,0

## Mercado de Capitais, Crédito e Taxas de Juro

Os índices bolsistas internacionais têm vindo a cair ao longo do mês de maio de 2011, invertendo a tendência positiva registada no mês precedente.

Assim, em termos médios e, até 20 de maio, os índices *Euro Stoxx50* e *Dow Jones* diminuíram 3,1% e 1,3%, respetivamente, face ao final de abril, interrompendo, no caso dos EUA, a tendência ascendente consecutiva desde dezembro de 2010.

**Figura 2.17. Índices Bolsistas**  
(abril 2007=100, fim do período)

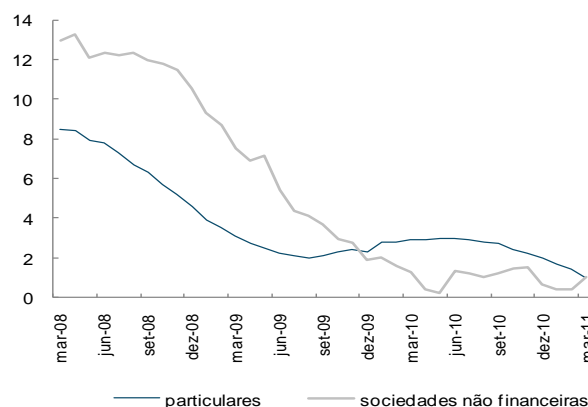


Fontes: CMVM; *Finance Yahoo*. Para maio, o valor é do dia 20.

Ao inverso dos índices bolsistas internacionais, o índice PSI-20, melhorou ligeiramente, interrompendo a quebra verificada nos meses de março e abril. Em termos médios e, até 20 de maio, o índice PSI-20 subiu 0,7% face ao final do mês de abril.

Em março de 2011, o ritmo de crescimento dos empréstimos ao setor privado não financeiro manteve-se em 1%. Mas, enquanto se observou um crescimento do crédito dirigido às empresas, aquele que foi destinado aos particulares continuou a desacelerar.

**Figura 2.18. Empréstimos ao Setor Privado**  
(va, em %)

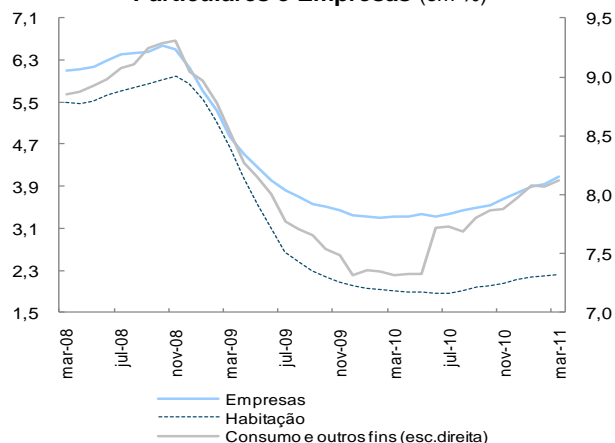


Fonte: Banco de Portugal.

Assim, o crédito destinado aos particulares diminuiu para 1% (1,4% em fevereiro), movimento esse que foi extensível aos empréstimos destinados à habitação e ao consumo.

As taxas de juro das operações do crédito aumentaram tanto para os particulares como para as empresas, tendo a subida sido mais pronunciada para o último caso.

**Figura 2.19. Taxas de Juro de Empréstimos a Particulares e Empresas** (em %)



Fonte: Banco de Portugal.

## Quadro 2.7. Indicadores Monetários e Financeiros

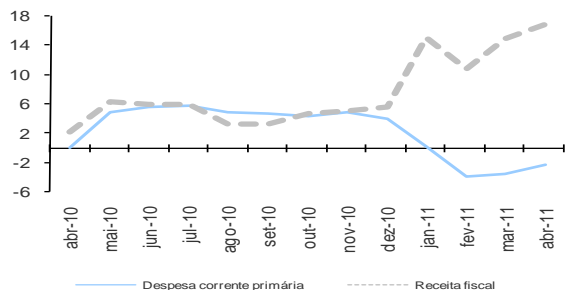
Indicador	Unidade	Fonte	2010	2010					2011			
				ago	set	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr
Yield OT 10 anos PT*	%	IGCP	6,6	5,4	6,3	6,2	7,1	6,6	6,9	7,4	8,5	9,5
Yield OT 10 – Spread Portugal face a Alemanha*	p.b.	"	365	331	400	378	439	365	379	424	511	624
PSI 20*	VC	CMVM	-10,3	0,3	1,5	7,7	-9,4	3,6	3,0	2,3	-3,0	-1,0
Empréstimos a particulares: - para habitação	va**	BP	2,4	3,1	3,0	2,8	2,7	2,4	2,2	1,9	1,6	:
- para consumo	va**	"	0,6	2,0	1,7	1,1	0,6	0,6	0,4	-0,1	-1,2	:
Empréstimos a empresas	va**	"	0,7	1,0	1,2	1,5	1,5	0,7	0,4	0,4	1,0	:
Taxa de Juro de empréstimos p/habitação*	%	"	2,12	1,91	1,97	2,01	2,06	2,12	2,17	2,19	2,22	:
Taxa de Juro de empréstimos p/empresas*	%	"	3,77	3,43	3,49	3,54	3,64	3,77	3,88	3,95	4,08	:

\* Fim de período; \*\* Variação anual. Nota: As taxas de variação anual são calculadas com base na relação entre saldos de empréstimos bancários em fim de mês, ajustados de operações de titularização, e transações mensais, as quais são calculadas a partir de saldos corrigidos de reclassificações, de abatimentos ao activo e de reavaliações cambiais e de preço.

## Finanças Públicas – Estado

Até abril, o valor provisório para o défice global do Estado, na ótica da contabilidade pública, foi de 2539,1 milhões de euros, o que representa uma melhoria de 2098,5 milhões de euros face ao mesmo período de 2010. O défice primário foi de 1726,4 milhões de euros, menos 1972,4 milhões de euros que o registado no período homólogo.

**Figura 2.20. Execução Orçamental do Estado**  
(VHA, em %)



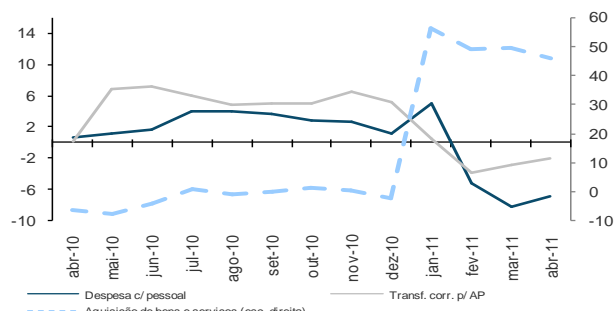
Fonte: DGO.

A execução orçamental do Estado, face ao período correspondente de 2010, caracterizou-se por:

- um aumento da receita fiscal em 16,8%, justificado pelo acréscimo de 33,3% na receita dos impostos diretos e de 9,2% dos impostos indiretos. As rubricas que mais influenciaram a evolução da receita dos impostos diretos foram o IRS, com um acréscimo de 30,7%, decorrente fundamentalmente do prazo da entrega da declaração por internet, em 2011, ter ocorrido um mês mais tarde que em 2010, com impacto nos respetivos reembolsos. Quanto aos impostos indiretos, os únicos que apresentaram crescimentos relativamente ao período homólogo foram o IVA (20,2%), refletindo a subida das taxas em 1 p.p. em julho de 2010 e da taxa normal em 2 p.p. em janeiro de 2011, e o Imposto Único de Circulação (11,7%). Registou-se ainda um aumento da receita não fiscal (23,2%), justificada pelo aumento das participações para a ADSE e das outras receitas de capital em resultado dos contratos de adjudicação de painéis solares fotovoltaicos; e
- um decréscimo da despesa total em 3,0%, devido à diminuição das despesas com pessoal (-6,9%, refletindo, sobretudo, o comportamento das remunerações certas e permanentes), das transferências correntes (-2,2%, consequência da diminuição da transferência para Segu-

rança Social no âmbito da respetiva lei de bases, para o SNS e para a União Europeia), dos juros e outros encargos (-13,4%, devido, nomeadamente, a um diferente padrão de pagamento dos juros das Obrigações do Tesouro e de swaps de taxa de juro) e dos subsídios (-32,3%, justificada pela redução dos montantes de bonificação de juros à aquisição de habitação própria e indemnizações compensatórias, bem como o efeito base associado aos encargos com os apoios à instalação de painéis solares verificados em 2010). Em sentido contrário, constatou-se um aumento na rubrica aquisição de bens e serviços (46,1%), determinada pela alteração metodológica do registo da despesa final da ADSE<sup>1</sup>. Expurgando este efeito verifica-se uma diminuição de 2,5% nesta rubrica.

**Figura 2.21. Despesa do Estado – principais componentes** (VHA, em %)



Fonte: DGO.

No final de abril, a dívida direta do Estado situou-se em 158,2 mil milhões de euros, aumentando 5701 milhões de euros face ao final do mês anterior. A variação da dívida refletiu, essencialmente, a emissão líquida positiva de Bilhetes do Tesouro, Certificados do Tesouro, CEDIC e CEDIM. Contrariamente, as Obrigações do Tesouro, os Certificados de Aforro e os ECP contribuíram negativamente para a evolução do saldo da dívida.

**Quadro 2.8. Movimento da Dívida**  
(milhões de euros)

	31-mar-11	abr-11			30-abr-11
	Saldo	Emissões	Amortiz.	Outros	Saldo
Transacionável	131 072	3 841	4 348	- 55	130 510
Bilhetes do Tesouro	14 563	2 161	0	0	16 724
Obrigações do Tesouro	111 361	1 630	4 167	15	108 839
Não Transacionável	21 405	10 874	4 612	0	27 667
Certificados de Aforro	14 717	32	737	0	14 012
CEDIC	5 010	3 252	3 177	0	5 085
Total	152 476	14 716	8 960	- 55	158 177

Fonte: IGCP.

**Quadro 2.9. Execução Orçamental do Estado**

	2011		2010		2010				2011
	jan a abr		jan a abr		VHA (%)				abr
	10 <sup>6</sup> euros		Exec. face OE corrig.* (%)		jan	fev	mar	abr	
Receita Total	9593	11266	26,3	29,1	14,4	10,0	15,0	17,4	
Receita corrente	9424	11052	27,3	29,6	11,9	8,6	14,2	17,3	
Impostos diretos	2744	3659	20,6	26,6	26,0	14,6	20,7	33,3	
Impostos indiretos	5931	6477	33,5	32,8	8,0	8,9	11,7	9,2	
Despesa Total	14230	13805	27,2	27,9	0,9	-3,6	-3,6	-3,0	
Despesa corrente primária	12491	12199	29,5	31,3	0,2	-3,9	-3,6	-2,3	
Despesa corrente	13430	13012	28,1	28,8	0,7	-3,9	-4,0	-3,1	
Despesa com pessoal	3205	2984	27,7	30,9	4,9	-5,3	-8,2	-6,9	
Aquisição bens e serviços	297	433	18,6	23,1	56,5	49,0	49,5	46,1	
Subsídios	115	78	15,9	12,5	-63,7	-54,0	-38,6	-32,3	
Juros	939	813	17,1	12,9	23,1	-3,4	-17,7	-13,4	
Transferências corr. p/ AP	7689	7533	31,0	33,1	0,5	-3,9	-2,9	-2,0	
Saldo Global	-4638	-2539	-	-	-	-	-	-	
Saldo Primário	-3699	-1726	-	-	-	-	-	-	

Nota: \* Corresponde ao OE inicial corrigido das alterações orçamentais da competência do Governo, nomeadamente, os montantes cativos utilizados, as autorizações de despesa, e os reforços de dotação provisional. Fonte: DGO.

<sup>1</sup>Em 2011, foi introduzida a contribuição patronal para a ADSE (registada em despesas com pessoal) e os encargos com a saúde nas instituições integradas no SNS dos trabalhadores dos serviços de administração direta do Estado passaram a ser registadas como aquisição de bens e serviços (enquanto até 2010 estavam registados como despesas com o pessoal). Desta forma, evita-se a duplicação da despesa com encargos em saúde nos serviços que pagam a contribuição e na ADSE que efetua a despesa final.

## Serviços e Fundos Autónomos

### Serviços e Fundos Autónomos, excluindo o FRDP

Até abril, e na ótica da contabilidade pública, o excedente global provisório dos Serviços e Fundos Autónomos (excluindo o FRDP) foi de 991 milhões de euros, o que constitui uma melhoria de 181 milhões de euros face ao mesmo período de 2010. Chama-se a atenção para o facto da comparação dos dados em contabilidade pública dos SFA ser afetada pelas alterações ao universo de entidades abrangidas, as quais se refletem nas taxas de variação apresentadas<sup>1</sup>.

A execução orçamental, face ao período homólogo, caracterizou-se por:

- um aumento na receita de 5,5%, explicada pelo crescimento da receita de capital de 113,6% (que reflete a contribuição paga pela PT Comunicações, S.A. no âmbito da assunção de responsabilidades com as pensões e outros abonos dos trabalhadores das PT) e da receita corrente em 1,0% (que traduz, principalmente, o comportamento das taxas, multas e outras penalidades); e
- um crescimento da despesa em 3,3%, que tem subjacente o incremento da despesa corrente em 3,0% e o acréscimo da despesa de capital em 11,6%. Para a evolução da despesa corrente contribuíram os aumentos nas rubricas aquisição de bens e serviços (6,0%), despesas com pessoal (12,4%) e transferências correntes (2,6%). A despesa de capital reflete o aumento nas transferências de capital (16,6%) e no investimento (75,0%).

**Quadro 2.10. Execução Orçamental dos Serviços e Fundos Autónomos**

	Serviços e Fundos Autónomos					
	2010		2011		2011	
	jan a abr		jan a abr		mar	abr
	10 <sup>6</sup> euros		Exec. face OE corrig.* (%)		VHA (%)	
Receita Total	7 107	7 496	25,1	30,2	5,9	5,5
Contribuições p/ Seg. Social, CGA e ADSE	1085	1094	25,3	26,2	-0,4	0,9
Transferências correntes das Adm. Públicas	4 888	4 874	30,3	31,7	-2,7	-0,3
Despesa Total	6 298	6 505	23,5	27,2	3,9	3,3
Despesa com pessoal	652	733	19,	23,1	7,8	12,4
Aquisição de bens e serviços	2 341	2 481	25,8	31,0	5,6	6,0
Transferências correntes	2 815	2 887	25,7	27,5	1,5	2,6
Saldo Global	810	991	-	-	-	-

Fonte: DGO.

## Administração Central

Nos primeiros quatro meses do ano, o défice global provisório da Administração Central foi de 1548 milhões de euros, representando uma melhoria de cerca de 2280 milhões de euros face ao mesmo período de 2010. A receita total exibiu um grau de execução de 29,1%, face ao objetivo traçado no Orçamento do Estado, com a receita corrente e a receita de capital a apresentarem níveis de execução de 28,9% e 31,9%, respetivamente. A despesa total revelou um grau de execução orçamental ligeiramente menor que o da receita, situando-se nos 26,8%, contribuindo para este efeito as execuções de 27,7% e 18,1% da despesa corrente e da despesa de capital, respetivamente.

<sup>1</sup>Para mais detalhe sobre as alterações do universo dos SFA, veja-se a Caixa 17 do Relatório do Orçamento do Estado para 2010.

<sup>2</sup>Considerando a despesa efetivamente realizada e os compromissos assumidos, em consonância com o princípio de registo em base de compromissos.

## Serviço Nacional de Saúde

### Execução financeira consolidada do SNS

No primeiro quadrimestre de 2011, a execução financeira consolidada<sup>2</sup> provisória do SNS aponta para um défice de 13,5 milhões de euros, que compara com um défice de 157,2 milhões de euros no período homólogo.

A execução financeira, face a 2010, caracterizou-se por:

- um decréscimo da receita em 0,5%, justificada pela redução da transferência do Orçamento do Estado (-0,7%) no âmbito do financiamento do sistema de saúde e dos outros proveitos operacionais (-74,3%), parcialmente compensada pelos aumentos das receitas procedentes dos subsídios de investimento (391,7%), das outras receitas (27,9%) e da prestação de serviços (11,8%), nomeadamente em resultado do acréscimo verificado nas taxas moderadoras; e
- uma diminuição da despesa em 5,4%, devido à diminuição da despesa com subcontratos (-6,8%, onde se destacam as reduções observadas na comparticipação de medicamentos, nos outros serviços de saúde - Hospitais E.P.E. e nos meios complementares de diagnóstico e terapêutica) e das despesas com pessoal (-6,1%, que conjuga o efeito da redução da massa salarial, da gestão mais rigorosa das horas extraordinárias e dos suplementos remuneratórios e número de aposentações).

**Quadro 2.11. Execução financeira do Serviço Nacional de Saúde**

	Serviço Nacional de Saúde			
	2010	2011	2011	
	jan a abr		mar	abr
	10 <sup>6</sup> euros		VHA%	
Receita Cobrada	2792	2777	-0,6	-0,5
Transferências do Orçamento do Estado	2717	2699	-0,6	-0,7
Prestação de serviços	27	30	13,1	118
Outras receitas	48	48	-2,1	-0,8
Despesa Total	2949	2791	-5,7	-5,4
Despesa com pessoal	325	305	-8,8	-6,1
Subcontratos	2494	2325	-7,4	-6,8
Outras despesas	130	160	35,0	23,7
Saldo Global	-157	-13	-	-

Fontes: Administração Central do Sistema de Saúde e DGO.

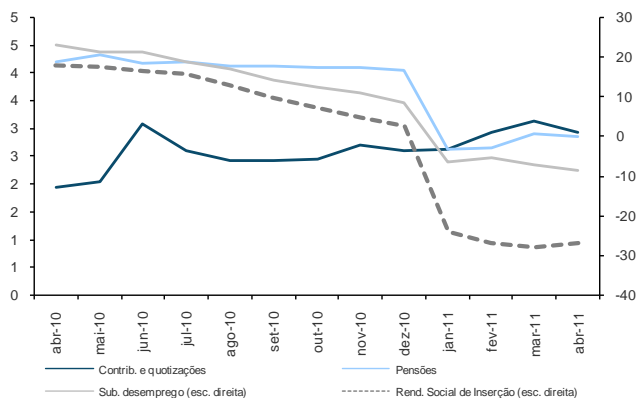
### Segurança Social e Caixa Geral de Aposentações

Até abril, o excedente da execução orçamental da Segurança Social, na ótica da contabilidade pública, foi de 726,4 milhões de euros, o que representa um aumento de 250,3 milhões de euros face ao mesmo período de 2010.

A execução orçamental da Segurança Social, face a 2010, caracterizou-se por:

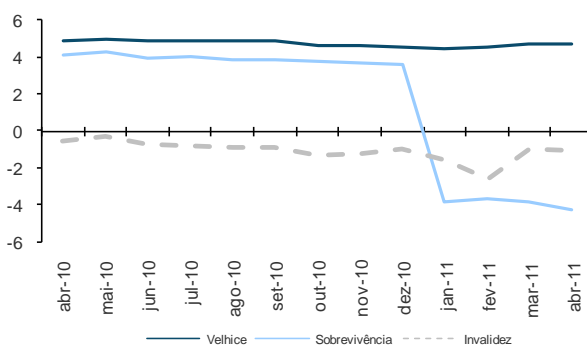
- um aumento da receita corrente em 2,4% em resultado do aumento das transferências do Fundo Social Europeu (60,1%), contribuições e quotizações (2,9%) e IVA social (3,8%). Em sentido contrário, registaram-se diminuições nas transferências correntes da Administração Central (-4,0%) e outras receitas correntes (-2,3%); e
- uma diminuição da despesa corrente em 1,0%, refletindo, em particular, a descida do subsídio familiar a criança e jovens (-30,0%), do subsídio de desemprego e apoio ao emprego (-8,7%), do rendimento social de inserção (-27,1%), das outras despesas (-11,1%) e da administração (-4,7%). Contrariamente, registaram-se crescimentos nas pensões (2,9%), no subsídio por doença (9,4%), nas despesas com ações de formação profissional suportadas pelo Fundo Social Europeu (11,1%), em outras prestações (5,3%), no complemento solidário para idosos (4,0%) e na ação social (1,3%). Relativamente ao número de beneficiários, evidencia-se um acréscimo de 1,3% nas pensões e uma diminuição de 20,7% nos subsídios de desemprego e social de desemprego e de 1,7% no subsídio de doença.

**Figura 2.22. Execução Orçamental da Seg. Social**  
(VHA, em %)



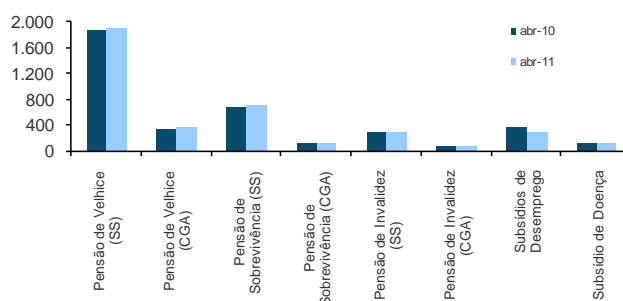
Fonte: DGO.

**Figura 2.23. Despesa em Pensões da Seg. Social**  
(VHA, em %)



Fonte: DGO

**Figura 2.24. Número de Pensões e Subsídios Atribuídos**  
(milhares, em final do mês)



Fontes: MTSS e CGA.

Até abril, o saldo da Caixa Geral de Aposentações (CGA), em contabilidade pública, foi de 268,9 milhões de euros, mais 236,6 milhões de euros face ao período homólogo. A receita total aumentou 12,9%, justificada pela transferência de capital efetuada pela PT Comunicações, S.A. no âmbito da assunção de responsabilidades com as pensões e outros abonos dos trabalhadores da PT, e pelos acréscimos verificados nas quotas e contribuições para a CGA (6,4%) e nas transferências correntes do OE para compensação por pagamento de pensões (6,4%). A despesa total aumentou 3,3%, refletindo, principalmente, os aumentos da despesa em pensões (3,3%).

### Quadro 2.12. Execução Orçamental da Segurança Social e da Caixa Geral de Aposentações

	Segurança Social				Caixa Geral de Aposentações					
	2010		2011		2011		2010		2011	
	jan a abr		jan a abr		jan a abr		jan a abr		jan a abr	
	10 <sup>6</sup> euros	10 <sup>6</sup> euros	VHA	Execução face ao OE (%)	10 <sup>6</sup> euros	10 <sup>6</sup> euros	VHA	Execução face ao OE (%)	10 <sup>6</sup> euros	10 <sup>6</sup> euros
Receita Total	7451	7632	2,4	30,9	31,7	2457	2773	12,9	23,7	31,2
Contribuições e quotizações	4318	4444	2,9	32,1	31,5	1084	1093	0,9	25,3	26,2
Transferências correntes da Adm. Central	2388	2293	-4,0	27,7	33,0	1361	1366	0,3	33,9	31,9
Despesa Total	6975	6906	-1,0	29,3	29,3	2425	2504	3,3	28,7	28,8
Pensões	3968	4081	2,9	28,5	28,3	2411	2492	3,4	28,7	28,8
Subsídio de desemp. e apoio ao emprego	770	703	-8,7	34,9	33,6	-	-	-	-	-
Prestações e ação social	1534	1419	-7,5	32,1	32,9	-	-	-	-	-
Saldo Global	476	726	-	-	-	32	269	-	-	-

Fontes: DGO e GPEARI.

## Administrações Local e Regional

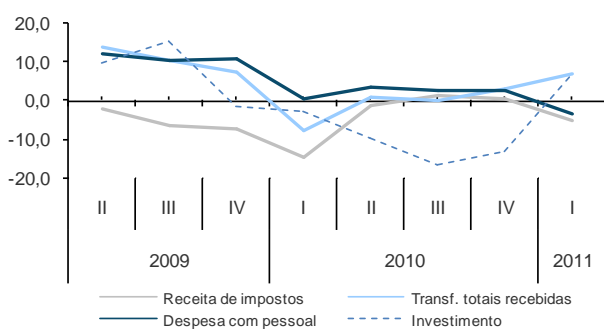
### Administração Local\*

No 1.º trimestre, e na ótica da contabilidade pública, o excedente provisório da execução orçamental da Administração Local foi de 21,9 milhões de euros, o que representa uma melhoria de 32,3 milhões de euros face igual período de 2010, considerando o mesmo universo.

A execução orçamental da Administração Local, face ao período homólogo de 2010, caracterizou-se por:

- um crescimento da receita total em 4,9%, refletindo fundamentalmente o comportamento das transferências de capital do resto do mundo (68,6%), das taxas, multas e outras penalidades (49,1%) e dos rendimentos de propriedade (29,8%). Com um comportamento oposto, salienta-se a evolução da receita fiscal que caiu 5,1%; e
- um aumento da despesa total em 2,4%, refletindo, especialmente, a evolução da aquisição de bens e serviços (7,5%), da aquisição de bens de capital (6,7%) e das transferências correntes (10,4%). Como previsto, as despesas com pessoal apresentaram um decréscimo (3,3%).

**Figura 2.25. Execução Orçamental da Administração Local – principais componentes**  
(VHA, em %)



Fonte: DGO.

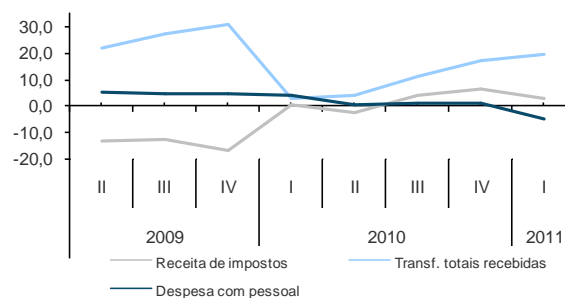
### Administração Regional

No 1.º trimestre, e na ótica da contabilidade pública, o excedente orçamental da Administração Regional situou-se nos 11,6 milhões de euros, que compara com um défice orçamental de 24,4 milhões de euros no período homólogo. Este comportamento deve-se principalmente à melhoria do saldo registado na Região Autónoma dos Açores (RAA), apesar da Região Autónoma da Madeira (RAM) ter apresentado uma redução do défice orçamental.

A execução orçamental da Administração Regional, face ao período homólogo de 2010, caracterizou-se por:

- um aumento da receita total em 7,3%, devido, sobretudo, ao aumento das transferências correntes do Estado (nomeadamente à transferência extraordinária para a RAM no âmbito da Lei de Meios para a reconstrução das zonas afetadas pelo temporal de fevereiro de 2010), da receita fiscal (2,8%, explicado pela variação positiva dos impostos diretos, apesar da variação negativa nos impostos indiretos), e da venda de bens e serviços (66,4%); e
- uma redução da despesa total em 1,4%, refletindo decréscimos verificados nas transferências correntes (-15,4%), nas despesas com pessoal (-5,2%) e na aquisição de bens e serviços (-13,1%). Inversamente, verificaram-se aumentos nas despesas de capital, em consequência da evolução do investimento (66,4%) e das transferências de capital (39,4%), e nos juros e outros encargos (104,7%).

**Figura 2.26. Execução Orçamental da Administração Regional – principais componentes**  
(VHA, em %)



Fonte: DGO.

**Quadro 2.13. Execução Orçamental das Administrações Local e Regional**

	Administração Local*				Administração Regional			
	2010		2011		2010		2011	
	jan a mar		dez mar		jan a mar		dez mar	
	10 <sup>6</sup> euros		VHA (%)		10 <sup>6</sup> euros		VHA (%)	
Receita total	1 325	1 390	2,5	4,9	406	436	7,1	7,3
Impostos	288	273	0,6	-5,1	236	242	6,2	2,8
Transferências correntes	494	502	3,2	7,0	122	145	17,2	19,4
Despesa total	1 336	1 368	-7,1	2,4	431	425	5,9	-1,4
Pessoal	509	492	2,6	-3,3	179	170	1,1	-5,2
Aquisição de bens e serviços	313	337	-6,3	7,5	68	59	21,3	-13,1
Transferências correntes	93	103	-6,9	10,4	121	103	6,4	-15,4
Investimento	283	302	-13,1	6,7	18	30	8,7	66,4
Saldo global	- 10	22	-	-	- 24	12	-	-

Fonte: DGO.

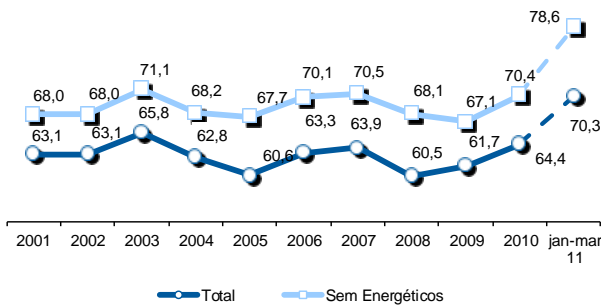
Nota: \* Os valores da AL para 2010 referem-se ao Universo Comparável.

### 3. Comércio Internacional [1]

#### Evolução global [2]

De acordo com os resultados preliminares divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística para o mês de março de 2011, as exportações de mercadorias cresceram 17% e as importações 8,5%<sup>[3]</sup> no primeiro trimestre de 2011, relativamente a igual trimestre do ano transato. Este comportamento justificou a melhoria do défice da balança comercial (fob/cif) de 7,4%. *Excluindo os produtos energéticos*, as exportações também cresceram a uma taxa superior à das importações (20,2% e 7,2%, respetivamente) (Quadro 3.1).

**Figura 3.1. Evolução da Taxa de Cobertura (fob/cif) das Importações pelas Exportações de Mercadorias (%)**



Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (nova série 1993-2009; versão provisória para 2010 e preliminar para 2011). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

**Quadro 3.1. Evolução da Balança Comercial (valores acumulados)**

Intra + Extra-UE (milhões de Euros)	janeiro a março			VH	
	2010	2011	VH	Últimos 3 meses	Últimos 12 meses
Exportações (fob)	8.659	10.133	17,0	17,0	16,4
Importações (cif)	13.273	14.403	8,5	8,5	10,9
(fob)	12.648	13.725	8,5	8,5	10,9
Saldo (fob-cif)	-4.613	-4.271	-7,4	-7,4	1,7
(fob-fob)	-3.988	-3.592	-9,9	-9,9	0,4
Cobertura (fob/cif)	65,2	70,3	-	-	-
(fob/fob)	68,5	73,8	-	-	-
<b>Sem energéticos:</b>					
Exportações (fob)	7.978	9.586	20,2	20,2	16,3
Importações (cif)	11.379	12.194	7,2	7,2	8,8
(fob)	10.843	11.619	7,2	7,2	8,8
Saldo (fob-cif)	-3.401	-2.608	-23,3	-23,3	-7,1
(fob-fob)	-2.865	-2.033	-29,0	-29,0	-9,8
Cobertura (fob/cif)	70,1	78,6	-	-	-
(fob/fob)	73,6	82,5	-	-	-
<b>Extra-UE</b>					
(milhões de Euros)					
Exportações (fob)	2.100	2.393	13,9	13,9	16,8
Importações (cif)	3.243	3.538	9,1	9,1	19,9
(fob)	3.090	3.372	9,1	9,1	19,9
Saldo (fob-cif)	-1.143	-1.145	0,2	0,2	26,8
(fob-fob)	-990	-978	-1,2	-1,2	28,0
Cobertura (fob/cif)	64,8	67,6	-	-	-
(fob/fob)	68,0	71,0	-	-	-

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (nova série 1993-2009; versão provisória para 2010 e preliminar para 2011). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

Nota:  
Factor de conversão cif-fob utilizado para 2008, 2009 e 2010: 0.9529.

[1] Informação mais desagregada pode ser consultada em [www.gee.min-economia.pt](http://www.gee.min-economia.pt) ("Síntese Estatística do Comércio Internacional, nº05/2011").

[2] Os dados de base do comércio internacional (Intra e Extra UE) divulgados para o mês de março de 2011 correspondem a uma versão preliminar. Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas (valor das transações das empresas para as quais o INE não recebeu ainda informação) assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação (valor anual das operações intracomunitárias abaixo do qual os operadores são dispensados da declaração periódica estatística Intrastat, limitando-se à entrega da declaração periódica fiscal: no caso de Portugal, 300 mil euros para as importações e 250 mil para as exportações, em 2010). Por outro lado, a atual metodologia considera, para além do confronto regular entre as declarações Intrastat e do IVA, a comparação com os dados com a IES.

[3] Somatório das exportações para o espaço comunitário com as exportações para os Países Terceiros. "Importações": somatório das importações com origem nos países comunitários com as importações provenientes dos Países Terceiros.

Nos primeiros três meses de 2011, a taxa de cobertura das importações pelas exportações de mercadorias cresceu 5,1 p.p face a igual período no ano passado, atingindo os 70,3%. *Excluindo os produtos energéticos*, as exportações passaram a representar 78,6% das importações (+8,5 p.p. relativamente ao primeiro trimestre de 2010).

Nos últimos 12 meses a terminar em março de 2011, as exportações registaram uma variação homóloga de 16,4% e as importações de 10,9%. O saldo da balança comercial agravou-se em 1,7%.

**Quadro 3.2. Balança Comercial: janeiro a março**

janeiro a março	Valores em milhões de euros		
	2010	2011	TVH
<b>Intra+Extra UE</b>			
Saídas (fob)	8 659	10 133	17,0
Entradas (cif)	13 273	14 403	8,5
Saldo (fob-cif)	- 4 613	- 4 271	-7,4
Cobertura (fob/cif)	65,2	70,3	-
<b>Intra UE</b>			
Saídas (fob)	6 559	7 740	18,0
Entradas (cif)	10 030	10 865	8,3
Saldo (fob-cif)	- 3 471	- 3 125	-10,0
Cobertura (fob/cif)	65,4	71,2	-
<b>Extra UE</b>			
Saídas (fob)	2 100	2 393	13,9
Entradas (cif)	3 243	3 538	9,1
Saldo (fob-cif)	- 1 143	- 1 145	0,2
Cobertura (fob/cif)	64,8	67,6	-

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (nova série 1993-2009; versão provisória para 2010 e preliminar para 2011). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

No primeiro trimestre de 2011, o défice da balança comercial Intra UE foi inferior ao registado em igual período homólogo (-10%), com as exportações de mercadorias a aumentar 18% e as importações 8,3%. O saldo negativo da balança comercial Extra UE registou um ligeiro agravamento 0,2% (Quadro 3.2).

**Quadro 3.3. Evolução Mensal e Trimestral**

Intra+Extra UE (milhões de Euros)	IMPORTAÇÕES (Cif)			EXPORTAÇÕES (Fob)		
	2010	2011	TVH	2010	2011	TVH
Jan	4 014	4 454	11,0	2 608	3 121	19,7
Fev	4 230	4 616	9,1	2 719	3 295	21,2
Mar	5 029	5 333	6,0	3 333	3 716	11,5
Abr	4 485			2 962		
Mai	4 679			3 048		
Jun	5 544			3 137		
Jul	4 645			3 402		
Ago	4 177			2 512		
Set	4 884			3 314		
Out	5 082			3 267		
Nov	5 095			3 327		
Dez	5 190			3 133		
1º Trim	13 273	14 403	8,5	8 659	10 133	17,0
2º Trim	14 708			9 148		
3º Trim	13 706			9 228		
4º Trim	15 367			9 727		

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (nova série 1993-2009; versão provisória para 2010 e preliminar para 2011). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

## Exportações de Mercadorias

Nos três primeiros meses de 2011, as exportações de mercadorias cresceram 17% face a igual período do ano passado. *Excluindo os produtos energéticos*, essa variação foi de 20,2%.

No primeiro trimestre de 2011, os grupos de produtos que mais contribuíram para o crescimento das exportações de mercadorias foram os grupos de “Material de Transporte” (+4,1 p.p.), “Minérios e Metais” (+3,9 p.p.) e “Químicos” (+3,8 p.p.). Em sentido oposto, as exportações de produtos “Energéticos”, foram as únicas que contribuíram negativamente (-1,6 p.p) para o crescimento das exportações.

As “Máquinas” continuam a ser o grupo de produtos com maior peso na estrutura das exportações de mercadorias (14,4%), seguidas do “Material de Transporte” (13,8%).

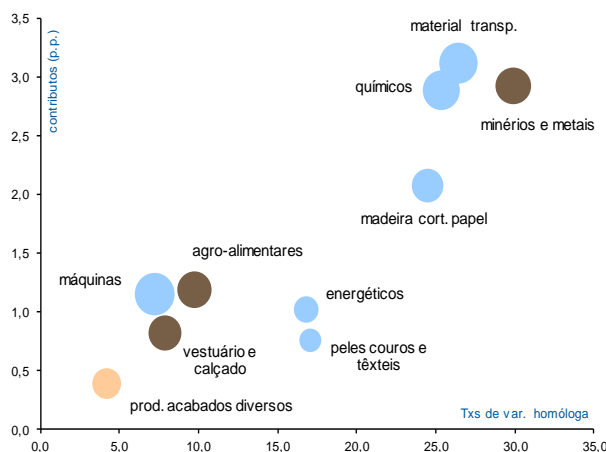
A Figura 3.2 apresenta os contributos dos diversos grupos de produtos para o crescimento das exportações nos últimos 12 meses a terminar em março de 2011. Pela sua análise e dos valores que constam no Quadro 3.4 conclui-se que, no período em análise, todos os grupos de produtos contribuíram positivamente para o crescimento das exportações de mercadorias (+16,4%), registando, consequentemente, taxas de variação homóloga positivas.

Excluindo os produtos energéticos, a taxa de crescimento homólogo das exportações atingiu os 16,3% (Quadros 3.1 e 3.4).

Destaca-se o contributo dos grupos de produtos do “Material de Transporte” (3,1 p.p.), dos “Químicos” e dos “Minérios e Metais” (ambos com contributos de 2,9 p.p) para o crescimento das exportações de mercadorias.

De referir, ainda, os contributos dos grupos de produtos “Madeira, Cortiça e Papel” (+2,1 p.p.), “Agro alimentares” e “Máquinas” (ambos com +1,2 p.p.). Embora com menor contributo para o crescimento das exportações (+1 p.p.), as exportações de “Energéticos” cresceram, em termos homólogos, 16,8% no último ano a terminar em março de 2011.

**Figura 3.2. Contributos para o Crescimento das Exportações por Grupos de Produtos (p.p.)**  
Últimos 12 meses a terminar em março de 2011 (Total: 16,4%)



Fonte: Quadro 3.4. Exportações de Mercadorias por Grupos de Produtos.

Nota:  
A dimensão dos círculos representa o peso relativo de cada grupo de produtos no total das saídas no período em análise.

### Quadro 3.4. Exportações \* de Mercadorias por Grupos de Produtos

Grupos de Produtos	Milhões de Euros		Estrutura (%)				Tax. variação e contributos			
			Annual		jan-mar		últimos 12 meses		jan-mar	
	jan-mar		2005	2010	2010	2011	VH	contrib. p.p.[1]	VH	contrib. p.p.[1]
	2010	2011								
<b>Total das Saídas</b>	<b>8 659</b>	<b>10 133</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>16,4</b>	<b>16,4</b>	<b>17,0</b>	<b>17,0</b>
000 Agro-Alimentares	949	1069	8,7	11,7	11,0	10,5	9,7	12	12,6	14
100 Energéticos	681	546	4,1	6,7	7,9	5,4	16,8	1,0	-19,8	-1,6
200 Químicos	1005	1335	10,5	11,9	11,6	13,2	25,4	2,9	32,9	3,8
300 Madeira, Cortiça e Papel	772	886	8,9	9,4	8,9	8,7	24,5	2,1	14,8	1,3
400 Peles, Couros e Têxteis	376	455	5,3	4,5	4,3	4,5	17,1	0,8	21,2	0,9
500 Vestuário e Calçado	911	1015	12,4	9,8	10,5	10,0	7,9	0,8	11,4	1,2
600 Minérios e Metais	816	1157	9,1	10,5	9,4	11,4	29,9	2,9	41,7	3,9
700 Máquinas	1342	1462	19,4	15,0	15,5	14,4	7,3	1,2	9,0	1,4
800 Material de Transporte	1049	1401	13,9	12,4	12,1	13,8	26,5	3,1	33,6	4,1
900 Produtos Acabados Diversos	759	806	7,7	8,3	8,8	8,0	4,2	0,4	6,1	0,5
Por memória:										
Total sem energéticos	7 978	9 586	95,9	93,3	92,1	94,6	16,3	15,4	20,2	18,6

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (nova série 1993-2009; versão provisória para 2010 e preliminar para 2011). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

Notas:

\* Somatório das exportações de mercadorias para a UE com as exportações para Países Terceiros.

[1] Contributos para a taxa de crescimento das saídas - análise shift-share : (TVH) x (peso no período homólogo anterior) ÷ 100.

Entre janeiro e março de 2011, as exportações para o mercado comunitário cresceram 18%. As exportações com destino aos países da UE-15 cresceram 18,2%, e as exportações para os Países do Alargamento 13,7%. As exportações Extra UE cresceram a uma taxa inferior à das exportações para a UE27, 13,9% (Quadro 3.5). De salientar que contributo das exportações Intra UE para o crescimento do total das exportações foi superior aos das exportações Extra UE (13,6 p.p. e 3,4 p.p., respetivamente).

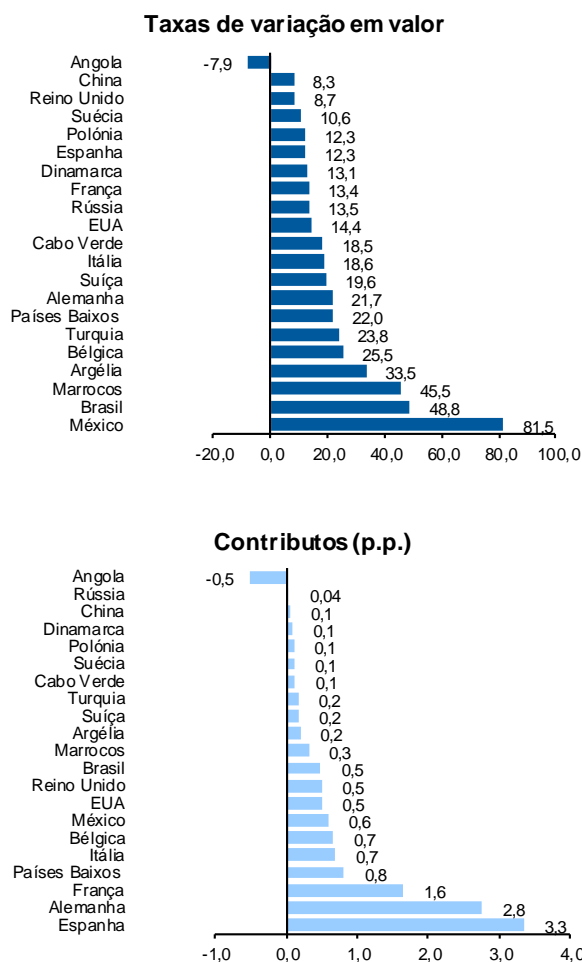
As exportações de mercadorias com destino à Alemanha (+3,6 p.p.) e à Espanha (+3,3 p.p.) foram aquelas que mais contribuíram para o crescimento das exportações no primeiro trimestre de 2011. Salienta-se, ainda, o crescimento homólogo das exportações de mercadorias para a França (+21,8%) e para o Reino Unido (+6,9%).

No último ano a terminar em março de 2011, as exportações para os países do mercado comunitário cresceram 16,2%. As exportações com destino à UE-15 registaram uma taxa de crescimento homólogo de 16%, sendo que as exportações com destino à Espanha (+3,3 p.p.) e à Alemanha (2,8 p.p.) foram as que mais contribuíram para o crescimento total das exportações.

Entre os países terceiros, destaca-se o comportamento positivo das exportações para o México (+81,5%), Brasil (+48,8%) e Marrocos (+45,5%). Angola continuou a destacar-se como sendo o mercado de destino responsável pela única contribuição negativa (-0,5 p.p.) de entre os mercados selecionados (Figura 3.3).

**Figura 3.3. Taxas de Crescimento das Exportações para uma Seleção de Mercados e Contributos**

Últimos 12 meses a terminar em março de 2011



**Quadro 3.5. Evolução das Exportações de Mercadorias com Destino a uma Seleção de Mercados**

Intra + Extra-UE (Fob)

Valores em milhões de euros

Destino	jan-mar		Estrutura (%)				média anual 05-10*	Taxas de variação e contributos [2]			
	2010	2011	anual		jan-mar			12 meses [1]		jan-mar	
			2005	2010	2010	2011		VH	contrib. p.p.[2]	VH	contrib. p.p.[2]
<b>TOTAL</b>	<b>8 659</b>	<b>10 133</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>3,4</b>	<b>16,4</b>	<b>16,4</b>	<b>17,0</b>	<b>17,0</b>
<b>Intra UE-27</b>	<b>6 559</b>	<b>7 740</b>	<b>80,3</b>	<b>75,0</b>	<b>75,7</b>	<b>76,4</b>	<b>2,0</b>	<b>16,2</b>	<b>12,2</b>	<b>18,0</b>	<b>13,6</b>
dos quais:											
<b>UE-15</b>	<b>6 307</b>	<b>7 453</b>	<b>78,4</b>	<b>71,9</b>	<b>72,8</b>	<b>73,6</b>	<b>1,6</b>	<b>16,0</b>	<b>11,6</b>	<b>18,2</b>	<b>13,2</b>
Espanha	2 353	2 640	27,6	26,6	27,2	26,1	2,6	12,3	3,3	12,2	3,3
Alemanha	1 106	1 418	12,5	13,0	12,8	14,0	4,3	21,7	2,8	28,2	3,6
França	1 075	1 309	13,5	11,8	12,4	12,9	0,6	13,4	1,6	21,8	2,7
R.Unido	484	518	8,3	5,5	5,6	5,1	-4,8	8,7	0,5	6,9	0,4
P.Baixos	320	410	4,0	3,8	3,7	4,0	2,4	22,0	0,8	28,0	1,0
Itália	344	409	4,4	3,8	4,0	4,0	0,6	18,6	0,7	18,9	0,8
Bélgica	269	288	3,9	2,9	3,1	2,8	-2,9	25,5	0,7	6,8	0,2
Suécia	93	114	1,1	1,0	1,1	1,1	1,4	10,6	0,1	23,1	0,2
Dinamarca	62	65	0,8	0,7	0,7	0,6	0,4	13,1	0,1	4,4	0,0
<b>Alargamento</b>	<b>252</b>	<b>286</b>	<b>1,8</b>	<b>3,1</b>	<b>2,9</b>	<b>2,8</b>	<b>14,6</b>	<b>23,0</b>	<b>0,7</b>	<b>13,7</b>	<b>0,4</b>
Polónia	77	82	0,5	0,9	0,9	0,8	13,3	12,3	0,1	6,4	0,1
<b>Extra UE-27</b>	<b>2 100</b>	<b>2 393</b>	<b>19,7</b>	<b>25,0</b>	<b>24,3</b>	<b>23,6</b>	<b>8,4</b>	<b>16,8</b>	<b>4,1</b>	<b>13,9</b>	<b>3,4</b>
dos quais:											
Angola	448	483	2,6	5,2	5,2	4,8	19,0	-7,9	-0,5	7,8	0,4
EUA	357	340	5,3	3,6	4,1	3,4	-4,3	14,4	0,5	-4,6	-0,2
Brasil	85	137	0,6	1,2	1,0	1,4	19,8	48,8	0,5	60,3	0,6
México	53	81	0,3	1,1	0,6	0,8	36,2	81,5	0,6	52,5	0,3
Suíça	77	91	0,8	0,9	0,9	0,9	5,7	19,6	0,2	18,6	0,2
Marrocos	55	82	0,4	0,8	0,6	0,8	18,2	45,5	0,3	48,1	0,3
Turquia	58	77	0,7	0,7	0,7	0,8	3,0	23,8	0,2	31,8	0,2
Cabo Verde	59	67	0,5	0,7	0,7	0,7	12,1	18,5	0,1	13,6	0,1
China	55	79	0,5	0,6	0,6	0,8	6,6	8,3	0,1	43,0	0,3
Argélia	47	86	0,2	0,6	0,5	0,8	31,3	33,5	0,2	80,7	0,4
Por memória:											
Gibraltar	64	30	0,1	0,6	0,7	0,3	62,7	16,4	0,1	-52,2	-0,4
PALOP	553	610	3,4	6,6	6,4	6,0	17,8	-2,8	-0,2	10,3	0,7
EFTA	100	114	1,1	1,1	1,2	1,1	3,4	16,0	0,2	14,1	0,2

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (nova série 1993-2009; versão provisória para 2010 e preliminar para 2011). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

Notas:

Países ordenados por ordem decrescente de valor no ano de 2010.

[1] (abr 10-mar 11)/(abr 09-mar 10) x 100 - 100

[2] Contributos para a taxa de crescimento das saídas - análise shift-share: (TVH) x (peso no período homólogo anterior) ÷ 100.

## Importações de Mercadorias

No primeiro trimestre de 2011, as importações de mercadorias registaram uma variação homóloga positiva de 8,5% relativamente a igual período no ano transato (Quadro 3.6).

As importações dos produtos “Energéticos”, Químicos” (ambos com + 2,4 p.p.) e “Agro alimentares” (+2,3 p.p.) foram as que mais contribuíram para o crescimento das importações. As importações de “Minérios e Metais”, “Agroalimentares” e “Energéticos” foram as que registaram maiores crescimentos homólogos (19,5%, 16,8% e 16,7%, respetivamente).

Nos últimos 12 meses a terminar em março de 2011, as importações cresceram 10,9%. As importações de “Produtos Energéticos” (+3,3 p.p.) e de “Material de Transporte” (+2,9 p.p.) foram as que mais contribuíram para este crescimento.

A UE-27 continua a ser o principal mercado de origem das importações, tendo representado 75,4% das importações de mercadorias entre janeiro e março de 2011.

A Espanha manteve a sua posição como principal mercado de origem das importações de mercadorias (32% do total).

Comparativamente a igual trimestre de 2010, as importações de mercadorias provenientes do mercado comunitário aumentaram 8,3%, com as provenientes dos países da UE-15 a crescer 7,9% e as provenientes dos países do A alargamento 21,5%. As importações de mercadorias provenientes da Espanha e da Alemanha foram as que mais contribuíram para o aumento das importações (+3,6 p.p. e 2,3 p.p., respetivamente).

As importações de mercadorias provenientes de países terceiros cresceram entre janeiro e março de 2011 9,1% em termos homólogos. Destacam-se as importações provenientes da Nigéria, da China e dos EUA, que representaram 3%, 2,6% e 2,2%, respetivamente, do total das importações de mercadorias. Neste período, as importações de mercadorias provenientes da Nigéria (+112%), da Índia (+72,7%) e da Arábia Saudita (+60,5%) foram as que registaram maior crescimento homólogo.

**Quadro 3.6. Importações de Mercadorias por Grupos de Produtos e sua Distribuição por uma Seleção de Mercados**

Grupos de Produtos	10 <sup>6</sup> Euros (Cif)		Estrutura (%)				Taxas de variação e contributos [2]			
	jan-mar		Anual		jan-mar		12 meses [1]		jan-mar	
	2010	2011	2005	2010	2010	2011	VH	contrib. p.p.[2]	VH	contrib. p.p.[2]
<b>TOTAL DAS IMPORTAÇÕES</b>	<b>13 273</b>	<b>14 403</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>10,9</b>	<b>10,9</b>	<b>8,5</b>	<b>8,5</b>
<b>Grupos de Produtos</b>										
000-Agro-Alimentares	1796	2 097	11,9	13,8	13,5	14,6	6,6	1,0	16,8	2,3
100-Energéticos	1894	2 210	14,1	14,6	14,3	15,3	24,7	3,3	16,7	2,4
200-Químicos	2 038	2 351	13,3	15,2	15,4	16,3	13,2	2,0	15,4	2,4
300-Peles, Mad, Cortiça e Papel	591	648	4,7	4,6	4,5	4,5	10,9	0,5	9,6	0,4
400-Têxteis, Vestuário e Calçado	933	988	6,8	6,8	7,0	6,9	10,0	0,7	5,9	0,4
500-Minérios e Metais	1 134	1 354	9,2	8,5	8,5	9,4	16,0	1,3	19,5	1,7
600-Máquinas [3]	2 181	2 166	20,5	16,4	16,4	15,0	-3,4	-0,6	-0,7	-0,1
700-Material de Transporte [4]	18 15	18 14	13,5	14,1	13,7	12,6	23,8	2,9	-0,1	0,0
800-Prod. Acabados Diversos	893	776	6,0	5,9	6,7	5,4	-2,1	-0,1	-13,0	-0,9
Total sem energético	11 379	12 194	85,9	85,4	85,7	84,7	8,8	7,6	7,2	6,1
<b>Mercados de origem</b>										
<b>Intra UE-27</b>	<b>10 030</b>	<b>10 865</b>	<b>77,6</b>	<b>75,7</b>	<b>75,6</b>	<b>75,4</b>	<b>8,3</b>	<b>6,4</b>	<b>8,3</b>	<b>6,3</b>
dos quais:										
<b>UE-15</b>	<b>9 719</b>	<b>10 488</b>	<b>75,8</b>	<b>73,4</b>	<b>73,2</b>	<b>72,8</b>	<b>8,2</b>	<b>6,2</b>	<b>7,9</b>	<b>5,8</b>
Espanha	4 129	4 613	30,7	31,2	31,1	32,0	7,2	2,3	11,7	3,6
Alemanha	1 580	1 890	14,4	13,9	11,9	13,1	24,8	3,1	19,6	2,3
França	1 029	1 051	8,7	7,3	7,7	7,3	-2,8	-0,2	2,2	0,2
Itália	859	766	5,9	5,7	6,5	5,3	-0,2	0,0	-10,8	-0,7
Países Baixos	780	750	4,5	5,1	5,9	5,2	4,2	0,2	-3,8	-0,2
Reino Unido	483	489	4,3	3,8	3,6	3,4	22,2	0,7	1,3	0,0
Bélgica	376	414	2,9	2,9	2,8	2,9	13,3	0,4	10,2	0,3
Suécia	149	149	1,1	1,0	1,1	1,0	9,2	0,1	-0,1	0,0
Irlanda	108	127	0,9	1,0	0,8	0,9	11,3	0,1	17,5	0,1
<b>A alargamento</b>	<b>3 10</b>	<b>3 77</b>	<b>1,8</b>	<b>2,3</b>	<b>2,3</b>	<b>2,6</b>	<b>10,8</b>	<b>0,3</b>	<b>21,5</b>	<b>0,5</b>
<b>Extra UE-27</b>	<b>3 243</b>	<b>3 538</b>	<b>22,4</b>	<b>24,3</b>	<b>24,4</b>	<b>24,6</b>	<b>19,9</b>	<b>4,5</b>	<b>9,1</b>	<b>2,2</b>
dos quais:										
China	361	370	1,1	2,8	2,7	2,6	31,6	0,7	2,7	0,1
Nigéria	206	437	1,9	2,4	1,6	3,0	29,6	0,7	112,0	1,7
Brasil	221	256	1,9	1,8	1,7	1,8	10,7	0,2	16,0	0,3
EUA	240	312	2,1	1,5	1,8	2,2	2,2	0,0	30,3	0,5
Libia	177	14	0,6	1,3	1,3	0,1	27,5	0,2	-92,4	-1,2
Cazaquistão	152	164	0,5	1,1	1,1	1,1	134,9	0,7	7,8	0,1
Angola	214	208	0,0	1,0	1,6	1,4	72,3	0,4	-3,0	0,0
Noruega	170	66	1,0	0,9	1,3	0,5	-24,0	-0,3	-61,4	-0,8
Arábia Saudita	12	179	0,8	0,9	0,8	1,2	44,6	0,3	60,5	0,5
Rússia	75	106	0,7	0,7	0,6	0,7	-17,7	-0,2	41,4	0,2
Índia	93	161	0,4	0,7	0,7	1,1	66,2	0,4	72,7	0,5
Suíça	86	87	0,6	0,6	0,6	0,6	8,0	0,1	0,7	0,0
Japão	79	96	1,1	0,6	0,6	0,7	41,9	0,2	21,4	0,1
Turquia	73	32	0,7	0,6	0,6	0,2	-3,5	0,0	-56,6	-0,3
OPEP[5]	899	112	6,6	6,8	6,8	7,7	23,0	1,5	23,7	1,6
EFTA	258	156	1,7	1,6	1,9	1,1	-12,1	-0,2	-39,4	-0,8
PALOP	28	24	0,1	1,1	1,6	1,5	59,6	0,4	-2,2	0,0

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (nova série 1993-2009; versão provisória para 2010 e preliminar para 2011). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

Notas:

Países ordenados por ordem decrescente de valor no ano de 2010.

\* Somatório das importações de mercadorias provenientes da UE com as importações proveniente de Países Terceiros.

[1] (abr 10-mar 11)/(abr 09-mar 10) x 100 - 100

[2] Contributos para a taxa de crescimento das entradas - análise shift-share : (TVH) x (peso no período homólogo anterior) ÷ 100.

[3] Não inclui tractores.

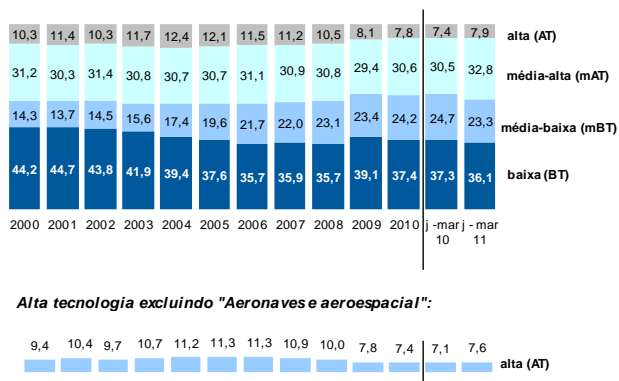
[4] Inclui tractores.

[5] Inclui Angola.

## Comércio Internacional Português por grau de Intensidade Tecnológica

No primeiro trimestre de 2011, as exportações de produtos industriais transformados registaram uma taxa de variação homóloga positiva de 16,4%. As exportações de produtos de *média intensidade tecnológica* (média baixa+média alta) continuam a representar mais de metade do total das exportações destes produtos (56,1%). Os produtos de alta e média alta tecnologia foram aqueles cujas exportações registaram um maior crescimento homólogo (23,4% e 25,2%, respetivamente) (Figura 3.4 e Quadro 3.7).<sup>1</sup>

**Figura 3.4. Exportações de Produtos Industriais Transformados, por Grau de Intensidade Tecnológica**

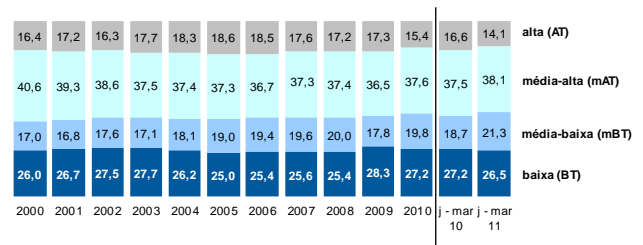


Fonte: Quadro 3.7. Exportações e Importações de Produtos Industriais Transformados, por grau de intensidade tecnológica.

As exportações dos produtos de *baixa intensidade tecnológica* representaram 36,1% do total das exportações de produtos industriais transformados e contribuíram 4,6 p.p. para o crescimento do total das exportações de produtos industriais transformados. As exportações de produtos de média alta intensidade tecnológica foram as que mais contribuíram para o aumento homólogo das exportações de produtos industriais transformados (+7,7 p.p.).

Relativamente às importações deste tipo de produtos que cresceram, em termos homólogos, 10,9%, foram os produtos de média baixa tecnologia os que mais contribuíram para o crescimento das importações de produtos industriais transformados (+4,9 p.p.).

**Figura 3.5. Importações de Produtos Industriais Transformados, por Grau de Intensidade Tecnológica**



Fonte: Quadro 3.7. Exportações e Importações de Produtos Industriais Transformados, por grau de intensidade tecnológica.

## Quadro 3.7. Exportações e Importações\* de Produtos Industriais Transformados, por Grau de Intensidade Tecnológica

Intensidade Tecnológica	2010	janeiro a março		Taxas variação (%)			% total prod. indust. transf.				Contributos <sup>[1]</sup> (p.p.)			
		2010	2011	média 2005-10	2010/09	jan-mar 2011/10	2009	2010	jan-mar		2010	jan-mar 2011		
									2010	2011				
<b>EXPORTAÇÕES*</b>														
<b>Total dos prod. indust. transformados</b>	<b>34 496 078</b>	<b>8 169 888</b>	<b>9 509 611</b>	<b>3,0</b>	<b>15,1</b>	<b>16,4</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>15,1</b>	<b>16,4</b>		
Alta tecnologia	2 686 060	608 103	750 124	-5,8	10,2	23,4	8,1	7,8	7,4	7,9	0,8	1,7		
- Sem Aeronáutica e aeroespacial [2]	2 538 850	579 716	718 225	-5,3	8,3	23,9	7,8	7,4	7,1	7,6	0,7	1,7		
Média-alta tecnologia	10 550 318	2 492 292	3 119 154	2,9	19,8	25,2	29,4	30,6	30,5	32,8	5,8	7,7		
Média-baixa tecnologia	8 344 929	2 018 988	2 211 100	7,4	18,8	9,5	23,4	24,2	24,7	23,3	4,4	2,4		
Baixa tecnologia	12 914 771	3 050 504	3 429 233	2,9	10,3	12,4	39,1	37,4	37,3	36,1	4,0	4,6		
<i>Por memória:</i>														
<b>Total das Exportações</b>	<b>36 762 238</b>	<b>8 659 448</b>	<b>10 132 589</b>	<b>3,4</b>	<b>16,0</b>	<b>17,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>16,0</b>	<b>17,0</b>		
Residual [3]	2 266 160	489 561	622 978	11,0	32,1	27,3	5,4	6,2	5,7	6,1	1,7	1,5		
<b>IMPORTAÇÕES*</b>														
<b>Total dos prod. indust. transformados</b>	<b>47 097 923</b>	<b>10 878 179</b>	<b>12 059 373</b>	<b>1,7</b>	<b>8,3</b>	<b>10,9</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>8,3</b>	<b>10,9</b>		
Alta tecnologia	7 232 366	1 805 256	1 696 404	-2,1	-4,1	-6,0	17,3	15,4	16,6	14,1	-0,6	-1,0		
- Sem Aeronáutica e aeroespacial [2]	6 887 619	1 645 729	1 609 267	-1,3	0,2	-2,2	16,1	14,7	15,4	13,4	0,0	-0,3		
Média-alta tecnologia	17 715 298	4 074 085	4 596 519	1,9	11,5	12,8	36,5	37,6	37,5	38,1	4,3	4,8		
Média-baixa tecnologia	9 336 281	2 037 704	2 568 395	2,6	20,6	26,0	17,8	19,8	18,7	21,3	4,1	4,9		
Baixa tecnologia	12 813 977	2 961 133	3 198 055	3,5	4,0	8,0	28,3	27,2	27,2	26,5	1,1	2,2		
<i>Por memória:</i>														
<b>Total das Importações</b>	<b>57 053 115</b>	<b>13 272 724</b>	<b>14 403 463</b>	<b>2,1</b>	<b>11,0</b>	<b>8,5</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>11,0</b>	<b>8,5</b>		
Residual [3]	9 955 192	2 394 545	2 344 090	4,0	26,2	-2,1	15,4	17,4	18,0	16,3	4,6	-0,4		

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (nova série 1993-2009; versão provisória para 2010 e preliminar para 2011). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

Notas:

\*Exportações: somatório das exportações de mercadorias para a UE com as exportações para Países Terceiros; Importações: somatório das importações com origem no espaço comunitário com as importações provenientes dos Países Terceiros.

[1] Contributos para a taxa de crescimento das Exportações/Importações de produtos industriais transformados, em pontos percentuais – análise shift-share: (TVH) x (peso no período homólogo anterior) ÷ 100.

[2] Os dados referentes aos produtos de AT não são directamente comparáveis para os anos de 2004 e 2005 uma vez que, a partir de 1 de Janeiro de 2005, as reparações e manutenção de aeronaves provenientes dos países comunitários passaram a ser contabilizadas na balança de Serviços. O mesmo sucede para os dados de 2005 e 2006, na medida em que, a partir de 1 de Janeiro de 2006, o mesmo tratamento foi aplicado às aeronaves provenientes dos países terceiros.

[3] Total das Exportações (Importações) – Exportações (Importações) de produtos industriais transformados.

<sup>1</sup> Os dados anuais apresentados nas figuras 3.4 e 3.5 foram extraídos da nova série do comércio internacional (1993-2009), que inclui estimativas para as empresas abaixo dos limiares de assimilação e para as não respostas. Os dados de janeiro a março de 2010 e 2011 são dados declarados.

## Comércio Internacional de Bens e Serviços

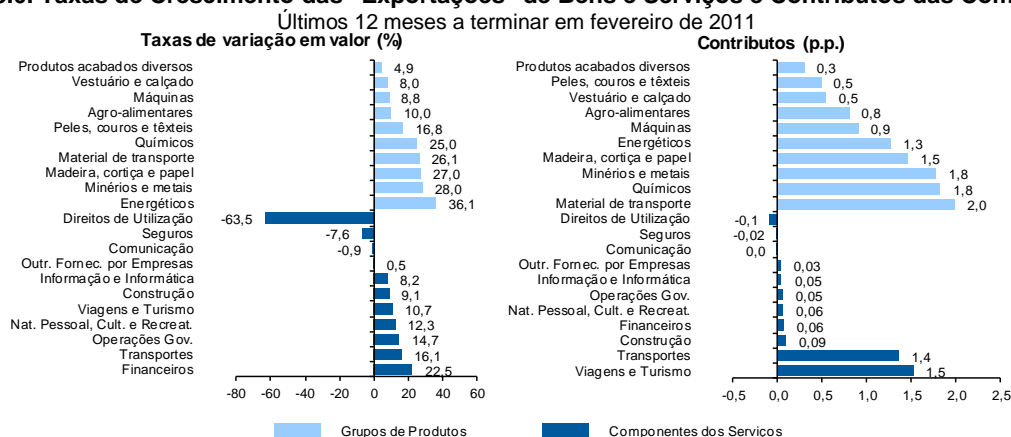
Segundo os dados divulgados para a Balança de Pagamentos para fevereiro de 2011, as "Exportações" (crédito) de Bens e Serviços cresceram 17% nos dois primeiros meses de 2011, relativamente a igual período do ano transato. A componente dos Bens foi aquela que mais contribuiu para o crescimento das "exportações" totais (14,2 p.p.).

Entre janeiro e fevereiro de 2011, a componente dos Serviços representou 27,6% do total das "Exportações" e contribuiu 2,8 p.p. para o crescimento das "exportações" totais. No que se refere às "Importações" (débitos) o seu peso no total foi de 16% e o seu contributo menos expressivo (+0,6 p.p.) (Quadro 3.8).

No painel esquerdo da Figura 3.6 compara-se o crescimento homólogo das diferentes categorias de Bens e de Serviços nos últimos 12 meses a terminar em fevereiro de 2011, com base em dados do INE para as "exportações" de Bens (Grupos de Produtos) e do Banco de Portugal para as "exportações" de Serviços. O painel direito mostra os contributos para a taxa de crescimento das "exportações" de Bens e Serviços.

Neste período continua a destacar-se o contributo positivo do Material de Transporte (+2 p.p.) e dos serviços inscritos na rubrica Viagens e Turismo (+1,5 p.p.).

**Figura 3.6. Taxas de Crescimento das "Exportações" de Bens e Serviços e Contributos das Componentes**



Fonte: Cálculos do GEE com base em dados do Banco de Portugal, para as "Exportações" de bens e serviços, e do INE, para o cálculo da estrutura das "exportações" de Bens. A distribuição do contributo das "Exportações" de Bens (dados da Balança de Pagamentos, banco de Portugal) pelos grupos de produtos segue a estrutura implícita na base de dados do Comércio Internacional do INE para as Saídas de Bens (somatório das "Expedições" de mercadorias para a UE com as "Exportações" para Países Terceiros).

**Quadro 3.8. Comércio Internacional de Bens e Serviços (Componentes dos Serviços)**

	Valores em milhões de euros										
	janeiro a fevereiro		Estrutura (%)				Taxas de variação e contributos				
			Anual		janeiro a fevereiro		média anual 05-10	12 meses [2]		janeiro a fevereiro	
	2010	2011	2005	2010	2010	2011		VH	contrib. p.p. [1]	VH	contrib. p.p. [1]
<b>CRÉDITO ("Exportações")</b>											
<b>Bens e Serviços</b>	<b>7 578</b>	<b>8 866</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>4,7</b>	<b>14,5</b>	<b>14,5</b>	<b>17,0</b>	<b>17,0</b>
<b>Bens</b>	<b>5 346</b>	<b>6 422</b>	<b>71,8</b>	<b>67,7</b>	<b>70,5</b>	<b>72,4</b>	<b>3,4</b>	<b>17,1</b>	<b>11,4</b>	<b>20,1</b>	<b>14,2</b>
<b>Serviços</b>	<b>2 232</b>	<b>2 444</b>	<b>28,2</b>	<b>32,3</b>	<b>29,5</b>	<b>27,6</b>	<b>7,5</b>	<b>9,3</b>	<b>3,1</b>	<b>9,5</b>	<b>2,8</b>
Transportes	625	733	5,9	8,6	8,2	8,3	12,9	16,1	14	17,3	14
Viagens e Turismo	735	794	14,3	14,0	9,7	9,0	4,2	10,7	15	8,0	0,8
Comunicação	67	69	1,0	0,9	0,9	0,8	1,5	-0,9	0,0	4,1	0,0
Construção	58	88	0,7	0,9	0,8	1,0	11,3	9,1	0,1	51,3	0,4
Seguros	20	24	0,2	0,2	0,3	0,3	3,6	-7,6	0,0	17,9	0,0
Financeiros	17	29	0,4	0,3	0,2	0,3	-0,3	22,5	0,1	66,2	0,2
Informação e Informática	39	55	0,3	0,5	0,5	0,6	17,9	8,2	0,0	41,0	0,2
Direitos de Utilização	6	4	0,1	0,1	0,1	0,0	-5,4	-63,5	-0,1	-27,1	0,0
Outr. Forneç. por Empresas	588	575	4,8	6,0	7,8	6,5	9,8	0,5	0,0	-2,2	-0,2
Nat. Pessoal, Cult. e Recreat.	45	38	0,4	0,5	0,6	0,4	10,5	12,3	0,1	-14,5	-0,1
Operações Governamentais	33	36	0,3	0,4	0,4	0,4	8,4	14,7	0,1	7,9	0,0
<b>DÉBITO ("Importações" Fob)</b>											
<b>Bens e Serviços</b>	<b>9 535</b>	<b>10 393</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>2,6</b>	<b>10,2</b>	<b>10,2</b>	<b>9,0</b>	<b>9,0</b>
<b>Bens</b>	<b>7 928</b>	<b>8 729</b>	<b>85,6</b>	<b>83,5</b>	<b>83,1</b>	<b>84,0</b>	<b>2,1</b>	<b>11,0</b>	<b>9,2</b>	<b>10,1</b>	<b>8,4</b>
<b>Serviços</b>	<b>1 607</b>	<b>1 664</b>	<b>14,4</b>	<b>16,5</b>	<b>16,9</b>	<b>16,0</b>	<b>5,5</b>	<b>6,4</b>	<b>1,1</b>	<b>3,6</b>	<b>0,6</b>
Transportes	452	486	4,5	4,9	4,7	4,7	4,4	8,8	0,4	7,4	0,3
Viagens e Turismo	407	413	4,3	4,5	4,3	4,0	3,8	9,1	0,4	1,6	0,1
Comunicação	63	64	0,5	0,7	0,7	0,6	6,4	-1,9	0,0	1,8	0,0
Construção	13	15	0,2	0,1	0,1	0,1	1,5	-3,8	0,0	21,6	0,0
Seguros	44	37	0,3	0,4	0,5	0,4	7,0	14,3	0,0	-15,7	-0,1
Financeiros	26	50	0,3	0,4	0,3	0,5	5,7	56,7	0,2	88,5	0,2
Informação e Informática	41	48	0,3	0,6	0,4	0,5	13,3	8,3	0,0	17,0	0,1
Direitos de Utilização	86	61	0,5	0,6	0,9	0,6	8,6	-0,4	0,0	-29,6	-0,3
Outr. Forneç. por Empresas	381	399	2,8	3,5	4,0	3,8	7,1	-0,1	0,0	4,9	0,2
Nat. Pessoal, Cult. e Recreat.	73	74	0,5	0,7	0,8	0,7	12,0	1,5	0,0	1,8	0,0
Operações Governamentais	20	15	0,2	0,2	0,2	0,1	-2,0	-4,1	0,0	-21,9	0,0

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas da Balança de Pagamentos do Banco de Portugal para as "Importações" e "Exportações" de Bens e Serviços.

Notas:

As "Exportações" das Estatísticas da Balança de Pagamentos (Crédito) correspondem às Saídas das Estatísticas do Comércio Internacional (somatório das "Expedições" de mercadorias para a UE com as "Exportações" para Países Terceiros). As "Importações" das Estatísticas da Balança de Pagamentos (Débito) correspondem às Entradas das Estatísticas do Comércio Internacional (somatório das "Chegadas" de mercadorias para a UE com as "Importações" para Países Terceiros).

Valores Fob para a "Importação" de bens.

[1] Contributos para a taxa de crescimento - Análise shift-share : (TVH) x (peso no período homólogo anterior) ÷ 100. Medem a proporção de crescimento das

"Exportações" / "Importações" atribuível a cada categoria especificada.

[2] 12 meses até fevereiro de 2011.



**Destques**



## Previsões de Primavera de 2011 da CE, FMI e OCDE

### Previsões macroeconómicas

Nos meses de Abril e Maio, o FMI, a CE e a OCDE divulgaram as previsões de Primavera, contendo uma atualização das projeções macroeconómicas para 2011 e 2012. Face às previsões de Outono de 2010, o PIB mundial foi ligeiramente revisto em alta, devido sobretudo à melhoria mais significativa dos EUA e da Alemanha, de entre as economias avançadas e, da Rússia, no caso dos países emergentes e em desenvolvimento. Embora em desaceleração face a 2010, o PIB mundial deve manter um crescimento robusto nos anos de 2011 e 2012, assente no elevado dinamismo dos países asiáticos (China e Índia), América Latina e Rússia. De entre as principais economias avançadas, as Instituições Internacionais perspetivam a manutenção de um crescimento relativamente elevado dos EUA, uma desaceleração acentuada do Japão (associado, em parte aos efeitos do recente terramoto) e a continuação de um crescimento moderado da União Europeia, com evoluções muito distintas entre os estados membros, apresentando-se mais forte na Alemanha, na Suécia e na Polónia, mais modesto no Reino Unido, em França e na Itália e, mais fraco em Espanha.

**Quadro 1. PIB**

	(variação anual, em %)							Desvios face a Outono de 2010, em p.p.					
	2010	2011			2012			2011			2012		
	CE	CE	FMI	OCDE	CE	FMI	OCDE	CE	FMI	OCDE	CE	FMI	OCDE
Economia Mundial	4,9	4,0	4,4	4,2	4,1	4,5	4,6	0,1	0,2	0,0	0,1	0,0	0,0
Economias Avançadas	3,0*	:	2,4	:	:	2,6	:	:	0,2	:	:	0,0	:
EUA	2,9	2,6	2,8	2,6	2,7	2,9	3,1	0,5	0,5	0,4	0,2	-0,1	0,0
Japão	3,9	0,5	1,4	-0,9	1,6	2,1	2,2	-0,8	-0,1	-2,6	-0,1	0,1	0,9
União Europeia	1,8	1,8	1,8	:	1,9	2,1	:	0,1	0,1	:	-0,1	0,0	:
Reino Unido	1,3	1,7	2,0	1,4	2,1	2,3	1,8	-0,5	-0,3	-0,3	-0,4	0,0	-0,2
Área do Euro	1,8	1,6	1,6	2,0	1,8	1,8	2,0	0,1	0,1	0,3	0,0	0,0	0,0
Alemanha	3,6	2,6	2,5	3,4	1,9	2,1	2,5	0,4	0,5	0,9	-0,1	0,1	0,3
França	1,6	1,8	1,6	2,2	2,0	1,8	2,1	0,2	0,0	0,6	0,2	0,0	0,1
Itália	1,3	1,0	1,1	1,1	1,3	1,3	1,6	-0,1	0,1	-0,2	-0,1	-0,1	0,0
Espanha	-0,1	0,8	0,8	0,9	1,5	1,6	1,6	0,1	0,1	0,0	-0,2	-0,2	-0,2
<b>Portugal</b>	<b>1,3</b>	<b>-2,2</b>	<b>-1,5</b>	<b>-2,1</b>	<b>-1,8</b>	<b>-0,5</b>	<b>-1,5</b>	<b>-1,2</b>	<b>-1,5</b>	<b>-1,9</b>	<b>-2,6</b>	<b>:</b>	<b>-3,3</b>
Economias Emergentes e em Desenvolvimento	7,3*	:	6,5	:	:	6,5	:	:	0,1	:	:	0,0	:
Rússia	4,0	4,5	4,8	4,9	4,2	4,5	4,5	0,7	0,5	0,7	0,2	0,1	0,0
China	10,3	9,3	9,6	9,0	9,0	9,5	9,2	0,1	0,0	-0,7	0,1	0,0	-0,5
Índia	10,4	8,0	8,2	8,5	8,2	7,8	8,6	-0,3	-0,2	0,3	0,4	-0,2	0,1
Brasil	7,5	4,4	4,5	4,1	4,3	4,1	4,5	-0,4	0,4	-0,2	-0,8	0,0	-0,5

Fontes: FMI, *World Economic Outlook*, abril 2011 e Comissão Europeia, *Economic Forecast*, maio 2011. \* FMI.

Associado à aceleração dos preços das matérias-primas, sobretudo do petróleo e de bens alimentares, impulsionada, em parte, pela forte procura dos países emergentes e das perturbações ao nível da oferta provocadas pela recente instabilidade político-social ocorrida em alguns países do Magreb e do Médio Oriente, a taxa de inflação deve aumentar na generalidade dos países, em 2011, situando-se a um nível mais elevado nos países emergentes e permanecer menos forte na maioria das economias avançadas.

**Quadro 2. Taxa de inflação e preço das matérias-primas**

	(variação anual, em %)						Desvios face a outono de 2010, em p.p.					
	2010	2011			2012			2011			2012	
	CE	CE	FMI	OCDE	CE	FMI	OCDE	CE	FMI	OCDE	CE	OCDE
<b>Economias Avançadas</b>	1,6*	:	2,2	:	:	1,7	:	:	0,9	:	:	:
EUA	1,6	2,5	2,2	2,6	1,5	1,6	1,5	1,4	1,2	1,5	0,0	0,4
Japão	-0,7	0,2	0,2	0,3	0,3	0,2	-0,2	0,9	0,5	1,1	0,3	0,3
União Europeia	2,1	3,0	2,7	:	2,0	1,9	:	0,9	0,9	:	0,2	:
Reino Unido	3,3	4,1	4,2	4,2	2,4	2,0	2,1	1,5	1,7	1,6	1,0	0,5
Área do Euro	1,6	2,6	2,3	2,6	1,8	1,7	1,6	0,8	0,8	1,3	0,1	0,4
Alemanha	1,2	2,6	2,2	2,6	2,0	1,5	1,7	0,8	0,8	1,4	0,0	0,3
França	1,7	2,2	2,1	2,4	1,7	1,7	1,6	0,6	0,5	1,3	0,1	0,5
Itália	1,6	2,6	2,0	2,4	1,9	2,1	1,7	0,8	0,3	1,0	0,0	0,3
Espanha	2,0	3,0	2,6	2,9	1,4	1,5	0,9	1,5	1,5	2,0	0,0	0,6
<b>Portugal</b>	<b>1,4</b>	<b>3,4</b>	<b>2,4</b>	<b>3,3</b>	<b>2,0</b>	<b>1,4</b>	<b>1,3</b>	<b>1,1</b>	<b>1,2</b>	<b>1,0</b>	<b>0,7</b>	<b>0,0</b>
<b>Economias Emergentes e em Desenvolvimento</b>	6,2*	:	6,9	:	:	5,3	:	:	1,7	:	:	:
Rússia	6,9	9,4	9,3	9,4	8,2	8,0	6,4	2,9	1,9	1,7	2,2	0,4
China	3,3	:	5,0	4,6	:	2,5	3,4	:	2,3	1,3	:	0,4
Índia	13,2*	:	7,5	8,9	:	6,9	6,6	:	0,8	3,1	:	1,4
Brasil	4,9*	:	6,3	6,6	:	4,8	5,1	:	1,7	1,3	:	0,0
<i>em memória:</i>												
Preço médio do petróleo Brent (USD/bbl)	80,2	117,4	107,2	120,0	117,2	108,0	120,0	28,5	28,4	40,0	26,4	40,0
Preço das matérias primas excl. prod. energ. (taxa de variação, em %)	26,0	24,8	25,1	:	-3,9	-4,3	:	19,9	27,1	:	-1,4	:

Fontes: FMI, *World Economic Outlook*, abril 2011 e Comissão Europeia, *Economic Forecast*, maio 2011. \* FMI.

A Comissão Europeia prevê a continuação de um crescimento sustentado da economia europeia para os anos de 2011 e 2012, determinada pelas perspetivas favoráveis da economia mundial e do sentimento de optimismo instalado no sector empresarial, apesar da persistência de algumas tensões nos mercados financeiros relacionados com a crise da dívida soberana em alguns países periféricos da área do euro (Grécia, Irlanda e Portugal) e da tendência altista do preço do petróleo.

Para a área do euro (AE), perspetiva-se que seja a procura interna a dinamizar o crescimento económico nos principais países, assente, sobretudo na recuperação do investimento, o qual deverá aumentar, em termos reais, 2,2% e 3,7%, respetivamente, em 2011 e 2012, invertendo a diminuição registada ao longo dos últimos 3 anos, com destaque para o fortalecimento da componente de bens de equipamento. O consumo privado também deverá melhorar gradualmente nos próximos 2 anos, devido ao progresso lento do mercado de trabalho, ao crescimento moderado dos salários e à diminuição da taxa de poupança. Já em relação às exportações da área do euro, prevê-se alguma desaceleração nos anos de 2011 e 2012, em linha com o abrandamento da economia mundial, embora continuem a apresentar um forte crescimento, devendo estas aumentar 6,6% em termos reais, em média, para o conjunto desses 2 anos (11,2%, em 2010).

O mercado de trabalho deve melhorar nos próximos dois anos, estando previsto um aumento do emprego em 0,4% e 0,7% para a área do euro, nos anos de 2011 e 2012, invertendo a tendência de quebra registada em 2009 e 2010. Igualmente, a taxa de desemprego deve diminuir para 9,7% para a AE em 2012 (10,1%, em 2010).

**Quadro 3. Taxa de desemprego**

	(Em % da População Ativa)							Desvios face a outono de 2010, em p.p.				
	2010	2011			2012			2011			2012	
	CE	CE	FMI	OCDE	CE	FMI	OCDE	CE	FMI	OCDE	CE	OCDE
<b>Economias Avançadas</b>	8,3*	:	7,8	:	:	7,4	:	:	-0,4	:	:	:
EUA	9,6	8,7	8,5	8,8	8,1	7,8	7,9	-0,7	0,3	-0,7	-0,9	-0,8
Japão	5,1	4,9	4,9	4,8	4,8	4,7	4,6	0,0	-0,1	-0,1	0,0	0,1
Área do Euro	10,1	10,0	9,9	9,7	9,7	9,6	9,3	0,0	-0,1	0,1	0,1	0,1
Alemanha	7,1	6,4	6,6	6,0	6,0	6,5	5,4	-0,3	-0,5	-0,3	-0,3	-0,8
França	9,7	9,5	9,5	9,0	9,2	9,1	8,7	0,0	-0,3	-0,1	0,0	-0,1
Itália	8,4	8,4	8,6	8,4	8,2	8,3	8,1	0,1	0,0	-0,1	0,0	-0,2
Espanha	20,1	20,6	19,4	20,3	20,2	18,2	19,3	0,4	0,1	0,3	1,0	1,9
<b>Portugal</b>	<b>11,0</b>	<b>12,3</b>	<b>11,9</b>	<b>11,7</b>	<b>13,0</b>	<b>12,4</b>	<b>12,7</b>	<b>1,2</b>	<b>1,0</b>	<b>0,3</b>	<b>1,8</b>	<b>1,6</b>
Bélgica	8,3	7,9	8,4	7,6	7,8	8,2	7,3	-0,9	-0,1	-0,4	-0,9	-1,4
Irlanda	13,7	14,6	14,5	14,7	14,0	13,3	14,6	1,1	1,5	1,1	1,3	2,0
Grécia	12,6	15,2	14,8	16,0	15,3	15,0	16,4	0,2	0,2	1,5	0,1	1,2
Chipre	6,5	6,3	6,5	:	5,6	6,3	:	-0,3	-0,4	:	-0,3	:
Malta	6,8	6,7	6,5	:	6,7	6,4	:	0,2	-0,4	:	0,2	:
Luxemburgo	4,5	4,4	5,9	5,4	4,2	5,8	4,8	-1,2	0,3	-0,5	-1,4	-1,0
Países Baixos	4,5	4,2	4,4	4,2	4,0	4,4	4,0	-0,2	0,0	-0,2	-0,3	-0,3
Áustria	4,4	4,3	4,3	4,2	4,2	4,3	4,0	0,1	0,1	-0,2	0,2	-0,3
Eslovénia	7,3	8,2	7,5	7,7	8,0	7,2	7,5	1,0	-0,6	0,1	1,4	0,1
Finlândia	8,4	7,9	8,0	7,9	7,4	7,8	7,1	0,1	-0,7	-0,3	0,2	-0,9
Eslováquia	14,4	14,0	13,3	13,8	13,3	12,1	12,8	-0,2	0,6	0,4	-0,1	0,3
Estónia	16,9	13,0	14,8	14,2	11,5	12,8	13,0	-2,1	-1,6	:	-2,1	:
União Europeia	9,6	9,5	:	:	9,1	:	:	0,0	:	:	0,0	:
Reino Unido	7,8	8,0	7,8	8,1	7,8	7,7	8,3	0,1	0,4	0,3	0,0	0,7
Dinamarca	7,4	7,1	4,5	7,2	6,7	4,4	6,4	0,8	-0,2	0,0	0,9	-0,1
Suécia	8,4	7,6	7,4	7,5	7,2	6,6	7,0	-0,4	-0,8	-0,5	-0,3	-0,5
Rep. Checa	7,3	6,8	7,1	6,6	6,4	6,9	6,3	-0,2	-0,9	0,0	-0,3	-0,5

Fontes: FMI, *World Economic Outlook*, abril 2011 e Comissão Europeia, *Economic Forecast*, maio 2011. \* FMI.

Finalmente, para a maioria das economias avançadas, a produção atual permanece abaixo do seu potencial e a taxa de desemprego continua muito elevada, devendo continuar alta nos próximos anos, dado o fraco crescimento económico previsto. Este crescimento lento é causado, por um lado, pelos excessos registados no período anterior à crise dos mercados financeiros internacionais e que necessitam atualmente de ser reajustados, e, por outro, pelas consequências que a própria crise gerou, nomeadamente no ainda fraco dinamismo do mercado imobiliário, nos EUA, e na deterioração da situação das finanças públicas na maior parte dos países pertencentes ao grupo das economias avançadas (EUA, União Europeia).

### Previsões de finanças públicas

Apesar da crise financeira que se iniciou em 2008 ter afetado de forma diferente os diversos países da União Europeia (UE), a maioria apresentou já em 2010 menores défices orçamentais. Como consequência de um crescimento económico mais forte, do fim das medidas de estímulo económico e da implementação de medidas de consolidação orçamental, a tendência para a redução dos défices deverá manter-se em 2011 e em 2012, de acordo com as previsões do FMI, da Comissão Europeia e da OCDE. Assim, as projeções agora apresentadas são mais favoráveis que as realizadas no outono do ano passado, quer para o conjunto da União Europeia quer para a área do euro.

**Quadro 4. Saldo orçamental das Administrações Públicas**

	Em % do PIB							Diferenças face ao outono de 2010, em p.p.					
	2010	2011			2012			2011			2012		
	CE	CE	FMI	OCDE	CE	FMI	OCDE	CE	FMI	OCDE	CE	FMI	OCDE
<b>Economias Avançadas</b>													
EUA	-11,2	-10,0	-10,8	-10,1	-8,6	-7,5	-9,1	-1,1	-1,1	-1,3	-0,7	-0,9	-2,3
Japão	-9,3	-9,7	-10,0	-8,9	-9,8	-8,4	-8,2	-3,3	-1,1	-1,4	-3,5	-0,3	-0,9
Área do Euro	-6,0	-4,3	-4,4	-4,2	-3,5	-3,6	-3,0	0,4	0,7	0,4	0,4	0,7	0,5
Alemanha	-3,3	-2,0	-2,3	-2,1	-1,2	-1,5	-1,2	0,8	1,4	0,8	0,6	1,4	0,9
França	-7,0	-5,8	-6,0	-5,6	-5,3	-5,0	-4,6	0,5	0,0	0,5	0,5	-0,3	0,2
Itália	-4,6	-4,0	-4,3	-3,9	-3,2	-3,5	-2,6	0,3	0,0	0,0	0,3	0,1	0,5
Espanha	-9,2	-6,3	-6,2	-6,3	-5,3	-5,6	-4,4	0,1	0,7	0,0	0,1	0,7	0,0
<b>Portugal</b>	<b>-9,1</b>	<b>-5,9</b>	<b>-5,6</b>	<b>-5,9</b>	<b>-4,5</b>	<b>-5,5</b>	<b>-4,5</b>	<b>-1,0</b>	<b>-0,4</b>	<b>-0,9</b>	<b>0,6</b>	<b>-0,7</b>	<b>-0,1</b>
Bélgica	-4,1	-3,7	-3,9	-3,6	-4,2	-4,0	-2,8	0,9	1,2	0,9	0,6	1,3	0,8
Irlanda	-32,4	-10,5	-10,8	-10,1	-8,8	-8,9	-8,2	-0,2	0,4	-0,6	0,4	-0,1	-0,8
Grécia	-10,5	-9,5	-7,4	-7,5	-9,3	-6,2	-6,5	-2,1	-0,1	0,1	-1,6	0,0	0,0
Chipre	-5,3	-5,1	-4,5	:	-4,9	-3,7	:	0,7	1,2	:	0,8	1,8	:
Malta	-3,6	-3,0	-2,9	:	-3,0	-2,9	:	0,0	0,6	:	0,3	0,4	:
Luxemburgo	-1,7	-1,0	-1,1	-0,9	-1,1	-0,8	0,0	0,3	2,0	0,3	0,1	1,6	0,3
Países Baixos	-5,4	-3,7	-3,8	-3,7	-2,3	-2,7	-2,1	0,2	1,3	0,3	0,5	1,8	1,0
Áustria	-4,6	-3,7	-3,1	-3,7	-3,3	-2,9	-3,2	-0,1	0,9	-0,3	0,0	1,0	-0,2
Eslovénia	-5,6	-5,8	-4,8	-5,6	-5,0	-4,3	-4,1	-0,6	-0,5	-0,9	-0,4	-1,3	-0,2
Finlândia	-2,5	-1,0	-1,2	-1,4	-0,7	-1,1	-0,6	0,7	0,6	0,3	0,5	0,9	0,1
Eslováquia	-7,9	-5,1	-5,2	-5,1	-4,6	-3,9	-4,0	0,2	-0,5	0,1	0,5	-0,1	0,0
Estónia	0,1	-0,6	-1,0	-0,5	-2,4	-0,7	-1,7	1,3	0,9	:	0,3	1,2	:
União Europeia	-6,4	-4,7	-4,8	:	-3,8	-4,0	:	0,4	0,7	:	0,4	0,6	:
Reino Unido	-10,4	-8,6	-8,6	-8,7	-7,0	-6,9	-7,1	0,0	-0,5	-0,6	-0,6	-0,6	-0,6
Dinamarca	-2,7	-4,1	-3,6	-3,8	-3,2	-2,6	-3,0	0,2	0,8	0,1	0,3	0,9	-0,2
Suécia	0,0	0,9	0,1	0,3	2,0	0,4	1,4	1,0	1,5	0,9	1,0	0,3	0,8
Rep. Checa	-4,7	-4,4	-3,7	-3,8	-4,1	-3,6	-2,8	0,2	1,9	0,4	0,1	1,6	0,6

Fontes: Comissão Europeia, *Economic Forecast*, maio 2011, FMI, *World Economic Outlook*, abril 2011 e OCDE, *Economic Outlook* maio 2011.

Para Portugal, as projeções da Comissão Europeia e da OCDE incluem as medidas acordadas no Plano de Financiamento Externo assinado entre Portugal e a Comissão Europeia, o BCE e o FMI, em 3 de maio de 2011. Deste modo, o Plano prevê um défice das administrações públicas de 5,9% do PIB em 2011 e de 4,5% em 2012. O objetivo para o défice de 2011 tem subjacente as medidas de consolidação previstas no Orçamento do Estado, assim como algumas medidas adicionais tomadas mais recentemente, cujo impacto no défice orçamental será de 5,7% do PIB. Em 2012, estão previstas novas medidas de consolidação, com um impacto no saldo orçamental de 3% do PIB.

Quanto ao rácio da dívida pública dos países da EU e da área do euro, em termos do PIB, a Comissão Europeia, o FMI e a OCDE preveem que este continue a aumentar até 2012, salientando a necessidade de se corrigir a atual tendência como forma de garantir a sustentabilidade de longo prazo das finanças públicas.

Quadro 5. Dívida das Administrações Públicas

	Em % do PIB							Diferenças face outono de 2010, emp.p.					
	2010	2011			2012			2011			2012		
	CE	CE	FMI	OCDE	CE	FMI	OCDE	CE	FMI	OCDE	CE	FMI	OCDE
<b>Economias Avançadas</b>													
EUA	92,0	98,3	99,5	101,1	102,4	102,9	107,0	-0,1	0,2	2,6	0,3	0,0	5,6
Japão	223,1	236,1	229,1	212,7	242,1	233,4	218,7	40,2	-5,0	8,5	43,1	-5,3	8,5
Área do Euro	85,4	87,7	87,3	95,6	88,5	88,3	96,5	1,1	0,3	0,8	0,6	-0,3	0,2
Alemanha	83,2	82,4	80,1	87,3	81,1	79,4	86,9	6,5	3,6	6,0	5,8	2,4	4,9
França	81,7	84,7	87,6	97,3	86,8	89,7	100,0	-2,2	0,1	0,2	-3,0	0,2	-0,2
Itália	119,0	120,3	120,3	129,0	119,8	120,0	128,4	0,1	0,6	-3,7	-0,1	0,2	-4,6
Espanha	-9,2	-6,3	63,9	73,6	-5,3	67,1	74,8	-76,1	-6,3	-4,6	-78,4	-8,0	-4,8
<b>Portugal</b>	<b>93,0</b>	<b>101,7</b>	<b>90,6</b>	<b>110,8</b>	<b>107,4</b>	<b>94,6</b>	<b>115,8</b>	<b>12,9</b>	<b>3,5</b>	<b>12,1</b>	<b>15,0</b>	<b>4,7</b>	<b>15,2</b>
Bélgica	96,8	97,0	97,3	100,7	97,5	97,4	100,4	-3,6	-5,8	-3,6	-4,6	-7,6	-4,8
Irlanda	96,2	112,0	114,1	120,4	117,9	121,5	125,6	5,0	12,4	7,7	3,6	17,5	10,0
Grécia	142,8	157,7	152,3	157,1	166,1	157,7	159,3	7,5	13,0	20,3	10,1	14,1	17,1
Chipre	60,8	62,3	63,4	:	64,3	63,9	:	-2,9	-0,7	:	-4,1	-2,5	:
Malta	68,0	68,0	66,7	:	67,9	66,7	:	-2,8	-4,3	:	-3,0	-4,6	:
Luxemburgo	18,4	17,2	17,9	20,5	19,0	19,5	23,9	-2,4	-5,0	-5,5	-1,9	-6,0	-4,2
Países Baixos	62,7	63,9	65,6	74,3	64,0	66,5	75,2	-2,7	-3,7	-3,3	-3,3	-5,6	-4,3
Áustria	72,3	73,8	70,5	80,0	75,4	70,7	81,6	1,8	-1,9	2,0	2,2	-3,3	1,9
Eslovénia	38,0	42,8	42,3	52,9	46,0	44,9	56,5	-2,0	5,2	-1,9	-1,6	6,9	-2,0
Finlândia	48,4	50,6	50,8	62,7	52,2	52,7	66,1	-0,6	-1,4	0,0	-0,8	-2,8	0,3
Eslováquia	41,0	44,8	45,1	48,7	46,8	46,2	51,2	-0,3	1,1	-2,4	-0,6	1,3	-2,1
Estónia	6,6	6,1	6,3	15,2	6,9	6,0	19,2			:			:
União Europeia	80,2	82,3	81,8	:	83,3	82,8	:	0,5	1,2	:	0,1	0,5	:
Reino Unido	80,0	84,2	83,0	88,5	87,9	86,5	93,3	0,7	1,1	-0,1	1,3	1,3	-1,2
Dinamarca	43,6	45,3	45,6	57,1	47,1	46,5	60,0	-2,2	-1,1	1,9	-2,1	-1,9	2,0
Suécia	39,8	36,5	37,3	45,4	33,4	34,9	41,1	-2,4	-4,0	-3,4	-4,1	-4,3	-4,1
Rep. Checa	38,5	41,3	41,7	49,3	42,9	43,4	50,8	-1,8	-2,8	-3,0	-2,3	-4,5	-4,2

Fontes: Comissão Europeia, *Economic Forecast*, maio 2011, FMI, *World Economic Outlook*, abril 2011 e OCDE, *Economic Outlook* maio 2011.

Em Portugal, a dívida pública em percentagem do PIB deverá seguir uma trajetória ascendente até 2012, para estabilizar em 2013 e inverter a tendência nos anos seguintes. O aumento do nível da dívida pública levará ao crescimento acentuado dos juros nestes anos, o que constitui pressão adicional sobre a prevista diminuição do défice orçamental.



## **Iniciativas e Medidas Legislativas**



## 1. Iniciativas

Iniciativa	Sumário
<p>Reunião Conselho ECOFIN</p> <p>17 de maio de 2011</p>	<p>Do debate ocorrido no Conselho ECOFIN de 17 de maio de 2011 destacam-se os seguintes temas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Governança económica:</b> O Conselho fez um balanço do trabalho relativo ao pacote de seis propostas legislativas destinadas a reforçar a governação económica da UE, avaliando os progressos das negociações com o Parlamento Europeu, tendo em vista a obtenção de um acordo geral em junho, como solicitado pelo Conselho Europeu.</li> <li>▪ <b>Regulamento relativo às vendas a descoberto e a certos aspetos dos swaps de risco de incumprimento:</b> O Conselho aprovou uma orientação geral sobre o projeto de regulamento relativo às vendas a descoberto e a certos aspetos dos swaps de risco de incumprimento, permitindo à Presidência dar início ao processo de negociações com o Parlamento Europeu. Este projeto de regulamento visa melhorar a monitorização e aumentar a transparência de posições curtas sobre ações e dívida soberana, submeter a realização dessas operações a determinadas regras e aumentar os poderes de intervenção dos supervisores e da Autoridade Europeia dos Valores Mobiliários e dos Mercados (ESMA), criando um quadro regulamentar e de supervisão harmonizado à escala europeia.</li> <li>▪ <b>Tributação do setor financeiro:</b> O Conselho tomou nota do relatório intercalar discutido no Grupo de Alto Nível para os Assuntos Fiscais, tendo solicitado à Comissão Europeia a apresentação da sua avaliação de impacto sobre as diferentes opções de tributação antes do verão de 2011. Este relatório tece considerações de caráter geral sobre os objetivos da tributação sobre o setor financeiro, refere os dois modelos fiscais que estão a ser analisados – o FTT (<i>Financial Transaction Tax</i>), incidente sobre transações financeiras, e o FAT (<i>Financial Activity Tax</i>), incidente sobre os lucros e remunerações das entidades financeiras – e alerta para a necessidade de serem prevenidos os riscos de deslocalização, de fraude e de evasão fiscal, que podem resultar de uma iniciativa desta natureza limitada à escala europeia.</li> </ul> <p>O Conselho tomou ainda nota de um relatório elaborado pelo Grupo de Alto Nível para a Gestão de Crises do Comité Económico e Financeiro, que efetua um levantamento dos sistemas de quotizações (contribuições que incidem sobre elementos do balanço do setor bancário) introduzidos em alguns estados-membros e dos planos daqueles que não os introduziram. É feita, igualmente, uma avaliação dos problemas de curto prazo resultantes da implementação destes sistemas (em particular, problemas de dupla tributação e efeitos colaterais) e uma análise da associação das quotizações à gestão e resolução de crises. O relatório refere, ainda, que a maioria das quotizações estão a ser introduzidas com uma certa flexibilidade, de forma a permitir ajustar os sistemas nacionais a uma futura solução europeia que venha a ser acordada.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Nomeação do Presidente do Banco Central Europeu:</b> O Conselho aprovou uma recomendação relativa à nomeação de Mario Draghi, de nacionalidade italiana, para Presidente do Banco Central Europeu para suceder a Jean-Claude Trichet, cujo mandato expira em 31 de outubro de 2011. A recomendação será submetida ao Conselho Europeu, que após consulta ao Parlamento Europeu e ao BCE, adotará uma decisão final na sua reunião de 23 e 24 de junho.</li> <li>▪ <b>Mecanismos de proteção financeira:</b> O Conselho aprovou uma declaração que estabelece princípios de orientação sobre os mecanismos de proteção destinados a apoiar as instituições financeiras que vierem a dar provas de vulnerabilidade nos testes de esforço bancários realizados a nível europeu em</li> </ul>

Iniciativa	Sumário
	<p>2011. Todos os estados-membros deverão ter prontos mecanismos de proteção credíveis a tempo da publicação dos resultados dos testes (prevista para junho) e estabelecer prazos para resolver qualquer situação desta natureza, com especial preferência por soluções que envolvam o setor privado, consentâneas com as regras da UE em matéria de auxílios estatais.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Revisão do programa de ajustamento económico para a Irlanda:</b> Na sequência da avaliação da implementação do programa financeiro de apoio à Irlanda e tendo em vista o desembolso da segunda parcela relativa ao empréstimo, os Ministros aprovaram uma decisão que altera algumas condições subjacentes à assistência financeira ao abrigo do Mecanismo Europeu de Estabilização Financeira.</li> <li>▪ <b>Assistência financeira a Portugal:</b> O Conselho aprovou a Decisão sobre a ajuda financeira a Portugal, cujo programa foi negociado entre as autoridades Portuguesas, a Comissão e o FMI, em articulação com o BCE. O programa, de três anos, baseia-se (i) na implementação de reformas no mercado de trabalho e de produtos, para fomentar o crescimento potencial, criar emprego e melhorar a competitividade, (ii) numa estratégia orçamental credível e equilibrada, orientada para a correção da situação de défice excessivo em 2013 e (iii) numa estratégia para o sector financeiro baseada na recapitalização e na sua progressiva desalavancagem. O pacote será financiado pela UE através do Mecanismo Europeu de Estabilização Financeira (€ 26.000 milhões) e do Fundo Europeu de Estabilização Financeira (€ 26 mil milhões), bem como pelo FMI (€ 26 mil milhões), totalizando um montante global de € 78 mil milhões.</li> <li>▪ <b>Financiamento das alterações climáticas:</b> O Conselho adotou conclusões reafirmando o seu compromisso de financiar ações específicas relativas às alterações climáticas nos países em desenvolvimento, no montante de €7.2 mil milhões, durante o período 2010-2012, na sequência do Acordo de Cancún, e avaliou as perspectivas de financiamento internacional após 2012.</li> <li>▪ <b>Projeto de orçamento geral para 2012:</b> Os Ministros tomaram nota da apresentação pela Comissão do projeto de orçamento da UE para 2012, cujas prioridades se centram este ano no fortalecimento da recuperação económica, no investimento e no emprego. Neste documento, a Comissão propõe um aumento de 4,9% em pagamentos e 3,7% em compromissos, proposta que alguns países consideram não estar em linha com a necessidade de consolidação orçamental nos estados-membros.</li> </ul>
Convenção com o Qatar	<p>O Estado Português concluiu, em 9 de maio, negociações técnicas com as autoridades do Qatar com vista à celebração de uma convenção para evitar a dupla tributação em matéria de impostos sobre o rendimento, através da troca de informações entre as respetivas autoridades fiscais.</p>
Sistema de Regulação de Acesso às Profissões (SRAP)	<p>O Conselho de Ministros de 19 de maio aprovou o decreto-lei que estabelece o regime jurídico do Sistema de Regulação de Acesso às Profissões (SRAP). O SRAP integra:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>a) Simplificação e eliminação de barreiras no acesso a diversas profissões;</li> <li>b) Criação de Comissão de Regulação do Acesso a Profissões (CRAP);</li> <li>c) Regulação da certificação de competências profissionais obtidas através do Sistema Nacional de Qualificações (SNQ).</li> </ol>
Acordo com Moçambique	<p>O Estado Português assinou, no passado dia 20 de maio, um Acordo de Assistência Mútua Administrativa em Matéria de Impostos sobre o Rendimento com Moçambique. O acordo tem como objetivo o reforço dos mecanismos necessários à troca de informações entre as respetivas autoridades fiscais, tendo em vista a obtenção dos elementos relevantes no combate à fraude e evasão fiscais.</p>

Iniciativa	Sumário
Exercício de atividade nos setores de gás, eletricidade e outros	O Conselho de Ministros de 26 de maio aprovou o decreto-lei que procede à simplificação dos regimes jurídicos ao exercício das atividades no sector do gás, da eletricidade, e em outros sectores. O diploma consagra a implementação de um balcão único e a regra do deferimento tácito, para simplificar procedimentos e reduzir a burocracia na obtenção de permissões necessárias para o início destas atividades.

## 2. Seleção de Medidas Legislativas

Assunto/Diploma	Descrição
<i>Unidades de Miniprodução</i> Portaria n.º178/2011 – Série I n.º83, de 29/04	Fixa o valor das taxas a cobrar nos pedidos de registo, de reinspeção da unidade de miniprodução e de averbamento de alterações ao registo da miniprodução, com e sem emissão de novo certificado de exploração.
<i>Mobilidade especial</i> Portaria n.º182/2011 – Série I n.º87, de 05/05	Estabelece os termos da instrução e tramitação dos pedidos de colocação em situação de mobilidade especial, por opção voluntária, e de concessão de licença extraordinária.
<i>Isenção de IRC</i> Despacho n.º6959/2011 – Série II n.º87, de 05/05	Isenção de IRC ao abrigo do artigo 10.º do Código de IRC da Associação para a Promoção do Desenvolvimento da Sociedade da Informação.
<i>Isenção de IRC</i> Despacho n.º6960/2011 – Série II n.º87, de 05/05	Isenção de IRC ao abrigo do artigo 10.º do Código de IRC da Fundação EDP.
<i>Taxas de juro</i> Aviso n.º10249/2011 – Série II n.º87, de 05/05	Taxas de juro para o mês de maio.
<i>Taxas de juro</i> Aviso n.º10250/2011 – Série II n.º87, de 05/05	Publicação das taxas de juro para o mês de maio.
<i>Orçamento do Estado para 2011</i> Declaração n.º104/2011 – Série II n.º88, de 06/05	Publicação dos mapas I a IX, modificados em virtude das alterações efectuadas até 31 de março, respeitantes ao Orçamento do Estado para 2011.
<i>Estatuto da Agência Internacional para as Energias Renováveis (IRENA)</i> Decreto do Presidente da República n.º50/2011 – Série I n.º89, de 9/05 Resolução da Assembleia da República n.º 105/2011 – Série I n.º89, de 9/05	Ratifica e aprova o Estatuto da Agência Internacional para as Energias Renováveis (IRENA), adotado em Bona em 26 de janeiro de 2009.
<i>Orçamento do Estado para 2011</i> Despacho (extracto) n.º7107/2011 – Série II n.º91, de 11/05	Despacho de execução do artigo 22.º da Lei n.º 55-A/2010, de 31 de dezembro.
<i>REFER</i> Despacho n.º7230/2011 – Série II n.º93, de 13/05	Desafetar o domínio público ferroviário e integrar no património privado da Rede Ferroviária Nacional REFER, E.P.E.
<i>Programa de ajustamento económico e financeiro de Portugal</i> Resolução n.º 8/2011 – Série II n.º95, de 17/05	Delega ao Ministro de Estado e das Finanças a competência para outorgar os instrumentos necessários à concretização do programa de ajustamento económico e financeiro de Portugal.
<i>Lei de Enquadramento Orçamental</i> Lei n.º22/2011 – Série I n.º98, de 20/05	Quinta alteração à Lei n.º 91/2011, de 20 de agosto (Lei de Enquadramento Orçamental).
<i>Formação para dirigentes</i> Despacho n.º7534/2011 – Série II n.º99, de 23/05	Atualização de formação obrigatória para dirigentes.



## **Abreviaturas Utilizadas**



